



BOLETIM MENSAL DO ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DE COLHEITAS

JULHO DE 2026

CCDR
NORTE
Agricultura

Divisão de Programas e Avaliação
Divisões Territoriais da CCDR Norte



O Estado das Culturas e Previsão das Colheitas (ECPC) é um projeto mensal supervisionado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) que, desde 1945, disponibiliza informação de carácter previsional, relativamente a áreas, produtividades e produções globais das principais culturas, ao nível geográfico do Continente. Desde o dia 1 de janeiro de 2024, na Região Norte, a recolha de informação é efetuada pelos técnicos da CCDR Norte distribuídos pelo território, sobretudo das quatro divisões territoriais do Minho, Porto e Douro, Trás-os-Montes e Alto Douro, sob coordenação da Divisão de Programas e Avaliação.

Mensalmente, a CCDR Norte produz este boletim que remete para o INE. Por sua vez, este Instituto, procede à agregação e tratamento da informação a nível do continente, bem como de informação administrativa que se encontre disponível à data, e integra-a no Boletim Mensal de Agricultura e Pescas (INE) que fornece uma visão geral do setor no Continente.

Neste contexto e aproveitando a oportunidade proporcionada pelo Recenseamento Agrícola de 2019 (RA 2019), optou-se por realizar toda a coleta a nível de concelho. Esta mudança facilita a agregação geográfica da informação, nomeadamente por zona de observação (mapa), NUTS III e Sub-Região Agrária.

CCDR-N	Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte, I. P.;
EDM	Região Agrária do Entre Douro e Minho;
INE	Instituto Nacional de Estatística;
IPMA	Instituto Português do Mar e da Atmosfera
TM	Região Agrária de Trás-os-Montes

Divisão de Programas e Avaliação
Lugar de Codessais – Vila Real
5000-421 – VILA REAL, PORTUGAL

Capa: Ceifa de centeio no Nordeste Transmontano, 08.07.2026, Deilão - Bragança
Foto por: Anabela Coimbra

FICHA TÉCNICA

Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Rural do Norte, I.P.

Unidade de Desenvolvimento Rural, Agroalimentar e Pescas

Divisão de Programas e Avaliação

Equipa Técnica

Anabela Coimbra

Aurora Alves

Isabel Correia

Jerónimo Côrte-Real Santos

Joaquim Moreira

Maria Laura Cruz

Miguel Martins

Paulo Guedes

Sandra Coelho

Suzana Antunes Fonseca

Coordenação

José Manuel Vieira

Resumo

Em linha com o que tem vindo a acontecer nos últimos anos, as temperaturas do mês de julho foram particularmente elevadas, sentidas em forma de ondas de calor. A ausência de precipitação tornou estes episódios mais intensos, causando algumas disrupções na produção agrícola da Região Norte.

Assinalam-se a quebra de produção nos cereais praganosos e a redução de área semeada com milho de regadio para grão no Entre Douro e Minho. Em sentido oposto seguem culturas como o pessegueiro, a cereja e a ameixa, cujas produções beneficiaram, enquanto culturas regadas, das temperaturas elevadas.

Grande parte dos abastecimentos agrícolas para rega registou descidas significativas nos volumes de água armazenada, resultado não só da evaporação, mas também do aumento da intensidade de rega, para fazer face ao défice hídrico das plantas.

No que diz respeito à produção de culturas permanentes como a vinha, o olival, as pomóideas e os frutos secos, as condições meteorológicas dos próximos meses serão determinantes na quantidade e qualidade dos produtos obtidos, sendo desejável que se registre uma diminuição das temperaturas e um aumento na precipitação.

Nos últimos dias do mês, assistimos à ocorrência de incêndios rurais de grandes dimensões, que voltaram a afetar severamente o setor agrícola, constituindo atualmente uma das principais ameaças à sustentabilidade da agricultura regional.

Índice

1	<i>Estado do tempo e sua influência na agricultura</i>	7
1.1	Entre Douro e Minho	7
1.1	Trás-os-Montes	11
2	<i>Fitossanidade</i>	19
2.1	Entre Douro e Minho	19
2.2	Trás-os-Montes	22
3	<i>Cereais Praganosos para grão</i>	25
3.1	Entre Douro e Minho	25
3.2	Trás-os-Montes	27
4	<i>Milho grão de Sequeiro Regadio</i>	32
4.1	Entre Douro e Minho	32
4.2	Trás-os-Montes	33
5	<i>Leguminosas secas – Grão-de-Bico e Feijão</i>	34
5.1	Entre Douro e Minho	34
5.2	Trás-os-Montes	35
6	<i>Batata Hortas familiares</i>	36
6.1	Entre Douro e Minho	36
6.2	Trás-os-Montes	38
7	<i>Fruticultura</i>	40
7.1	Entre Douro e Minho	40
	Actinídeas (Kiwi)	40
	Ameixeiras, Cerejeiras e Pessegueiros	41
	Amendoeiras, Castanheiros, Nogueiras,	41
	Citrinos	44
	Mirtilos	44
	Pomóideas	45
7.2	Trás-os-Montes	47
	Amendoeiras, Aveliras, Castanheiros, Nogueiras, Pistachos	47
	Ameixeiras, Cerejeiras, Pessegueiros	53

Figueiras	55
Mirtilos	56
Pomóideas	58
Sabugueiros	60
8 Vinha	61
8.1 Entre Douro e Minho	61
8.2 Trás-os-Montes	63
9 Olival	68
9.1 Entre Douro e Minho	68
9.2 Trás-os-Montes	69
10 Prados, pastagens e culturas forrageiras	71
10.1 Entre Douro e Minho	71
10.2 Trás-os-Montes	74
11 Tabelas com previsões das áreas semeadas, das produtividades e estimativas da produção	81

1 Estado do tempo e sua influência na agricultura

1.1 Entre Douro e Minho

De uma forma geral, as condições meteorológicas de julho foram favoráveis ao desenvolvimento vegetativo das culturas, mas implicaram uma elevada dependência das regas, principalmente nos solos mais leves e pouco profundos, sendo que a ausência de precipitação aumentou o défice hídrico.

Nas culturas de sequeiro, a escassez de precipitação originou situações de stress hídrico, principalmente nas culturas temporárias.



Figura 1. Milho de sequeiro com sintomas de stress hídrico e em estado vegetativo bastante mais atrasado que a generalidade dos sequeiros, Troviscoso – Monção, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves

Em culturas permanentes, como a vinha ou o mirtilo, as altas temperaturas originaram algumas perdas de produção – na vinha devido ao escaldão e no mirtilo devido ao rápido amadurecimento da fruta. O impacto do escaldão foi maior nas vinhas em que a poda verde se fez com maior intensidade.



Figura 2. Estragos provocados pelo escaldão em vinha da casta "Loureiro", Ganfei – Valença, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves



Figura 3. Vinha da casta "Loureiro", com sintomas de escaldão, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho



Figura 4. Efeitos do escaldão na maçã, zona de observação do Cávado

Fotos por: Maria Laura



Figura 5. Efeitos do escaldão nas folhas de kiwi, zona de observação do Cávado

O risco muito elevado de exposição à radiação ultravioleta (índice UV 8 a 10), registado pelo Instituto do Mar e da Atmosfera (IPMA) afeta diretamente a agricultura e prejudica a saúde dos trabalhadores agrícolas.

Com as temperaturas elevadas, as plantas defendem-se fechando os estomas, o que prejudica a fotossíntese e o seu normal desenvolvimento. A onda de calor sentida em julho afetou também o bem-estar animal e as produções leiteiras. A título de exemplo, há registo de uma exploração leiteira no Entre Douro e Vouga onde ocorreu uma redução de 7 litros/dia/vaca.

A rede hidrográfica da região tem bons caudais, graças a um inverno muito chuvoso, mas a intensidade e frequência da extração de água para assegurar o regadio fez diminuir rapidamente este recurso.

Apesar de ainda não ser um problema, já é visível a diminuição dos caudais de rega em regadios tradicionais.



Figuras 6 e 7. Caudal do Rio Neiva (esq.) e canal de água de rega do mesmo Rio, (dta), União de Freguesias da Ribeira do Neiva – Vila Verde, zona de observação do Cávado

Fotos por: Maria Laura

Apesar destes impactos, as condições meteorológicas favoreceram, de um modo geral, o desenvolvimento vegetativo e reprodutivo das fruteiras e da vinha, verificando-se um adiantamento do ciclo vegetativo, particularmente na vinha. As elevadas temperaturas e a ausência de precipitação promoveram igualmente um bom crescimento dos frutos, com destaque para o kiwi.

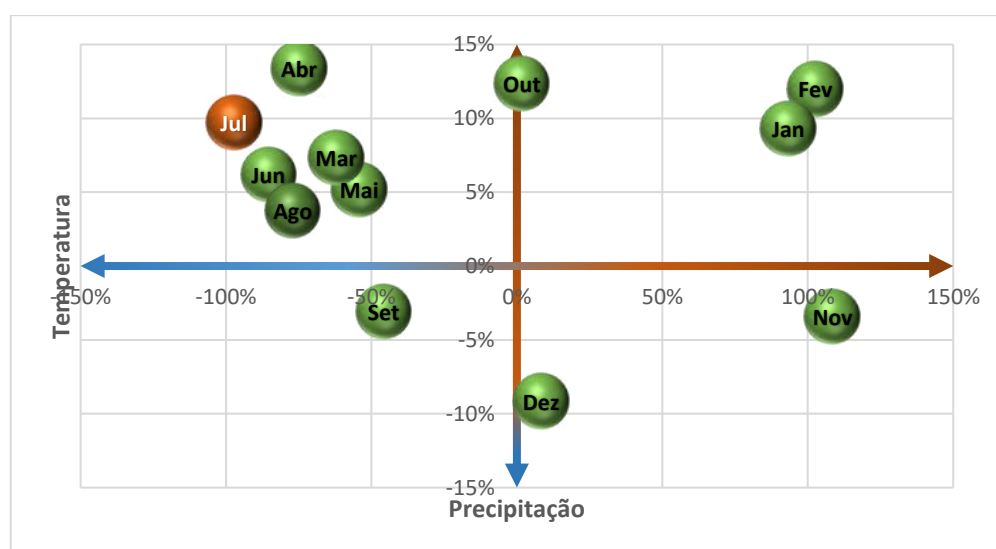


Figura 8. Desvio relativo da temperatura média do ar e precipitação acumulada no Entre Douro e Minho durante os últimos 12 meses, face às normais climatológicas (1971-2000)

Refira-se que as condições verificadas este ano estão a ser muito semelhantes às verificadas em igual período do ano anterior.

1.1 Trás-os-Montes

No mês de julho, Trás-os-Montes voltaram a registar-se valores de temperatura elevados, com precipitação e humidade reduzidas.

A Evapotranspiração de Referência (*ET₀*)¹ manteve-se elevada - 7,5mm no distrito de Vila Real e 9,4mm no distrito de Bragança.

No **Planalto Mirandês** as temperaturas mínimas e máximas estiveram muito altas, o que, conjugado com valores de humidade relativa do ar muito baixos, agravou a sensação de seca que se evidencia na região. Com a continuidade das condições atmosféricas extremas, isto é, novas vagas de calor e novos períodos de noites tropicais, a superfície do solo tende a desidratar, a matéria verde perde o teor de humidade e as culturas veem alterado o seu desenvolvimento vegetativo, podendo ocorrer queda precoce da fruta. No caso da amendoeira, poderemos mesmo encontrar frutos mais pequenos.

Para já não passa de uma previsão, pois as condições edafoclimáticas são delicadas, mas não são críticas.

As linhas de água veem os seus caudais a reduzir consideravelmente e as bacias de água, com o aumento do consumo, da evaporação e da menor reposição nos rios e ribeiros, perdem gradualmente o seu nível em relação a meses anteriores.

No entanto, a situação hídrica não é desfavorável - de acordo com o referido pelos produtores, nos reservatórios, poços e nascentes observados não há de momento grande dificuldade na reposição dos níveis e o recurso à água do subsolo não representa para já um problema. Segundo dados do IPMA, o índice de água no solo no conjunto dos três concelhos do Planalto, situa-se entre os 0,1 e os 0,4.

Em sentido inverso continuam os teores de água no solo, que no final do mês estavam particularmente baixos (ver [plataforma agroclimática](#)).

¹ Quantidade de água que passa para a atmosfera (evapora) a partir do solo ou das plantas, desde que a superfície desse solo seja completamente coberta por relva. É independente do tipo de cultura.

Na **Terra Fria**, o início do mês foi extremamente quente e seco, o que levou o IPMA a colocar o distrito de Bragança sob aviso vermelho. As temperaturas máximas assumiram valores superiores a 40°C, com as plantas a entrar em stress hídrico e o risco de incêndio era elevadíssimo, uma vez que o vento do quadrante Leste/Nordeste era moderado a forte, com ar extremamente seco. Na segunda semana, e devido à influência de uma depressão a oeste de Portugal, ocorreu uma inversão no estado do tempo, com as temperaturas a descer de forma acentuada entre os dias 6 a 12 e com ocorrência de aguaceiros dispersos e trovoadas pontuais.

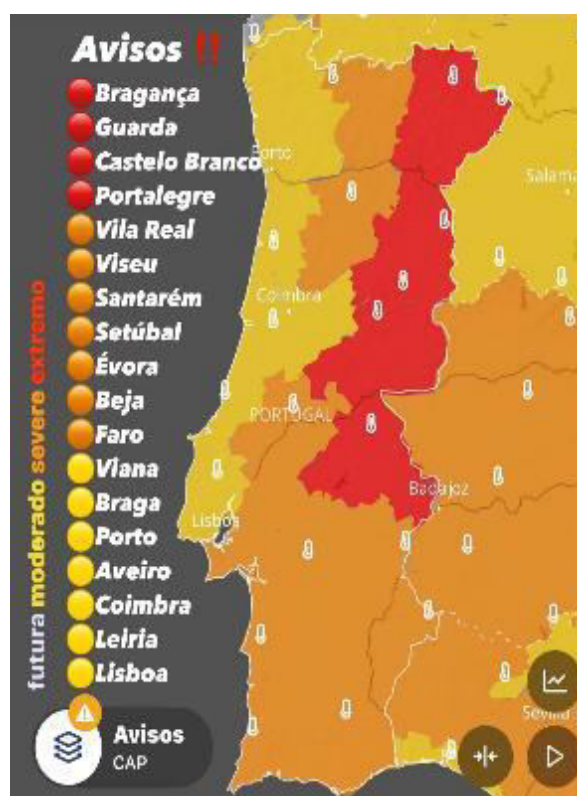


Figura 9. Avisos de temperatura elevada

Fonte: Meteo Trás-os-Montes, 05.07.2026

A partir de dia 18 as temperaturas voltaram a subir e na segunda quinzena do mês intensificou-se a rega nas hortas familiares e nas culturas da batata e do milho. No início do mês ainda se observaram sementeiras de culturas forrageiras de primavera/verão, maioritariamente milho e sorgo, para pastoreio dos pequenos ruminantes.

As linhas de água, as nascentes, as agueiras nos lameiros de regadio, os poços e os tanques privados ainda apresentam água e, segundo os produtores, os poços e furos privados ainda repõem o nível de água após a rega das culturas hortícolas, abóbora, batatas e milho.

Ao longo do mês os solos perderam muita da água retida, mas ainda dispõem de humidade em profundidade, benéfica para as principais culturas permanentes da Terra Fria, como o castanheiro, a nogueira, o olival e o amendoal. Alguns produtores regaram as pastagens, para manter o pasto verdejante.

Ainda não se verificaram constrangimentos relativamente à seca, sendo a situação normal para esta área de observação.

Os avisos do IPMA alertaram para o risco de escaldão, em particular na terceira semana do mês, em culturas como a vinha, as fruteiras e o olival (ver figura 10).

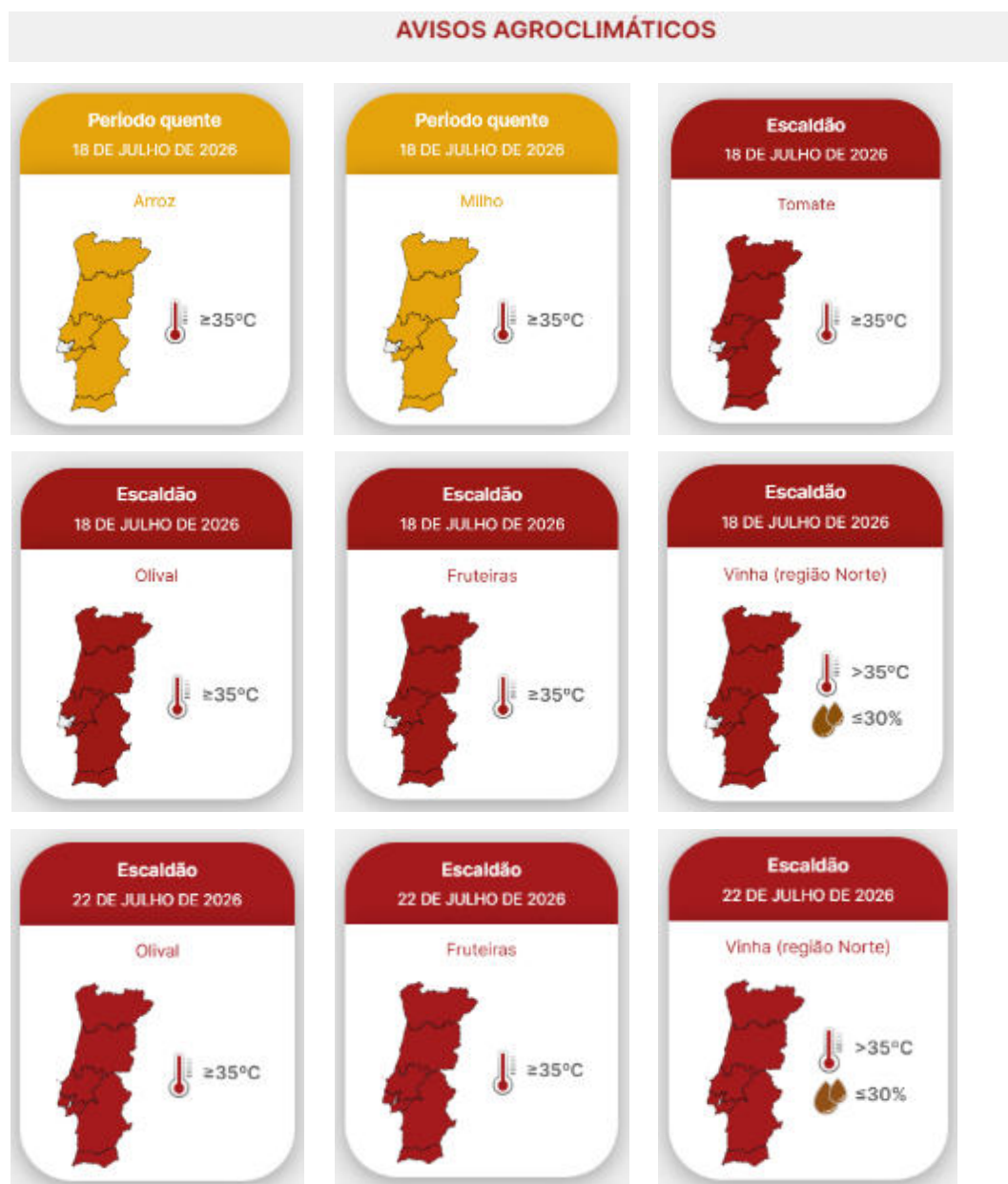


Figura 10. Avisos agroclimáticos emitidos pelo IPMA ao longo do mês de julho

Os abastecimentos hidroagrícolas permanecem com níveis elevados, embora registem os valores mais baixos desde 2023. Nos tanques e nas charcas privadas são visíveis os efeitos das temperaturas elevadas, com a diminuição acentuada da quantidade de água armazenada. Esta redução prende-se não só com a evaporação, mas também com o maior consumo de água nas culturas regadas, para fazer face ao stress hídrico a que as plantas estão sujeitas.

Apesar da precipitação ter sido abundante nos últimos invernos, as alterações do clima dificultam uma previsão daquela que será a disponibilidade hídrica na próxima campanha. Por este motivo, importa equacionar alguma moderação no consumo de água atual, garantindo reservas para o próximo ano.

As barragens de Gostei (Bragança) e de Prada (Vinhais), apresentam menos água armazenada, comparativamente com igual período do ano anterior (ver fotos 11 a 14).



Figura 11. Barragem de Gostei, 18.07.2025, Gostei – Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 12. Barragem de Gostei, 17.07.2026, Gostei – Bragança



Figura 13. Barragem de Prada, 11.07.2025, Prada – Vinhais
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 14. Barragem de Prada, 15.07.2026, Prada – Vinhais

No **Planalto Mirandês**, a barragem de Penas Roias (usada para consumo doméstico, mas também para rega), o nível de água é sensivelmente igual ao registado em igual período do ano anterior.



Figura 15. Barragem de Penas Roias, 15.07.2025, Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Figura 16. Barragem de Penas Roias, 13.07.2026, Mogadouro

A barragem de Temilobos, em Armamar (no Douro Sul), apresenta valores de armazenamento consideravelmente mais baixos que em igual período do ano anterior, resultado da evaporação e do uso intensivo para rega dos pomares da região (ver fotos 17 e 18).



Figura 17. Barragem de Temilobos, 14.07.2025, Armamar

Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 18. Barragem de Temilobos, 21.07.2026, Armamar

Nas barragens de Vale Madeiro e da Eucísia, na Terra Quente (em Mirandela e Alfândega da Fé, respetivamente), os volumes de água são semelhantes aos do ano anterior, embora na primeira seja ligeiramente inferior.



Figura 19. Barragem de Vale de Madeiro, 2025, Mirandela

Fotos por: Paulo Guedes



Figura 20. Barragem de Vale de Madeiro, 2026, Mirandela



Figura 21. Barragem da Eucísia, 2025, Alfândega da Fé

Fotos por: Paulo Guedes



Figura 22. Barragem da Eucísia, 2026, Alfândega da Fé

Na **Terra Quente**, a campanha agrícola fica marcada por uma adversidade acrescida, que fustigou a sub-região com incêndios rurais de grande dimensão. Estes incêndios tiveram início no concelho de Valpaços, atingindo rapidamente os concelhos vizinhos de Mirandela, Bragança, Vinhais e Chaves.

Diversas explorações registaram perdas significativas, nomeadamente em figueiras, vinhas, olivais e amendoais, destruídos pela intensidade e rapidez de propagação das chamas. As elevadas temperaturas, associadas ao prolongado défice hídrico e ao stress fisiológico das plantas, colocam as culturas numa situação de elevada vulnerabilidade. Neste contexto, a capacidade de resistência dos povoamentos agrícolas encontra-se significativamente reduzida, bastando, em muitos casos, a proximidade de focos de incêndio para provocar danos irreversíveis.

O impacto térmico gerado pelas frentes de fogo pode conduzir à dessecação dos tecidos vegetais, comprometendo a sobrevivência das plantas e o potencial produtivo das próximas campanhas.



Figuras 23 e 24. Vinha queimada no concelho de Mirandela

Fotos por: Paulo Guedes



Figura 25. Olival queimado no concelho de Mirandela

Foto por: Paulo Guedes



Figuras 26 e 27. Olivais queimados no concelho de Mirandela

Fotos por: Paulo Guedes



Figura 28. Pomar de figueiras destruído pelo fogo

Foto por: Paulo Guedes

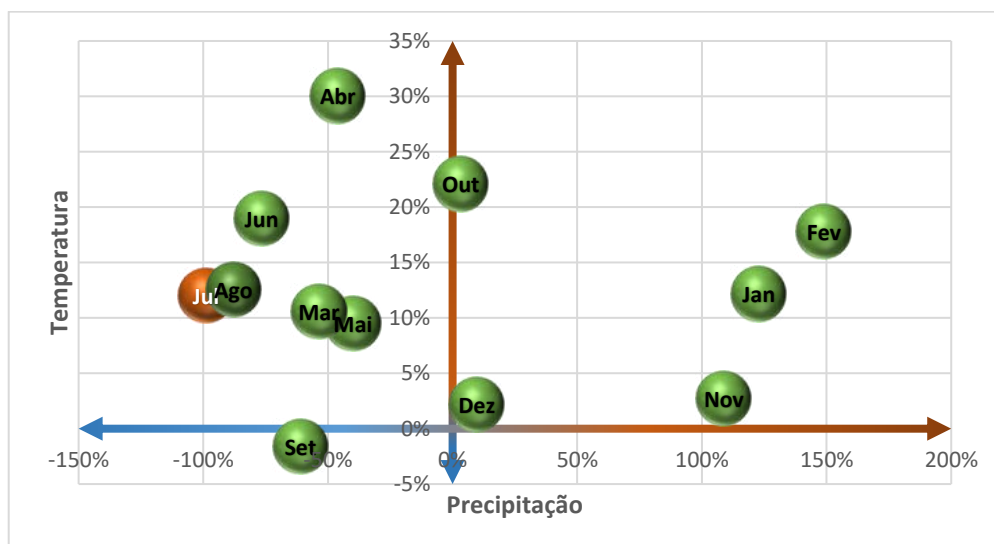


Figura 29. Desvio relativo da temperatura média do ar e precipitação acumulada em Trás-os-Montes durante os últimos 12 meses, face às normais climatológicas (1971-2000)

2 Fitossanidade

2.1 Entre Douro e Minho



Figura 30. Batata roída por ratos, Fafe, zona de observação do Ave

Foto por: Jerónimo Côrte-Real Santos

As condições meteorológicas registadas nas últimas semanas, caracterizadas por tempo quente e seco, revelaram-se desfavoráveis ao desenvolvimento das principais doenças criptogâmicas, contribuindo para a redução da sua incidência e favorecendo a eficácia do seu controlo, em particular na vinha e nas fruteiras. Na vinha localizada na zona de observação do Minho, a pressão do míldio manteve-se reduzida, não se tendo registado novos ataques com expressão económica, na maioria das explorações. Em contrapartida, houve necessidade de manter vigilância relativamente ao oídio, sobretudo em parcelas mais sensíveis e em locais com menor arejamento. Os tratamentos fitossanitários revelaram-se, de um modo geral, oportunos e eficazes, permitindo manter um bom estado sanitário da cultura.

No kiwi, para além da reduzida incidência das doenças habitualmente associadas à elevada humidade, foi identificada uma situação preocupante no concelho de Valença.

Os sintomas observados são compatíveis com a denominada Síndrome de “moria” ou Declínio do kiwi, uma problemática que tem vindo a assumir elevada importância em vários países produtores, particularmente em Itália, onde afeta cerca de 25% da área nacional de produção de kiwi.

Esta síndrome caracteriza-se pelo declínio progressivo das plantas, manifestando-se através da perda de vigor, murchidão, necrose e deterioração do sistema radicular, conduzindo, em muitos casos, à morte das plantas. Apesar da intensa investigação em curso, a sua origem é considerada multifatorial e ainda não existe uma explicação consensual nem medidas de controlo plenamente eficazes.



Figura 31. Área de pomar onde, este ano, se manifestaram sintomas da síndrome de “moria”, Valença, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves



Figura 32. Área do pomar com grande parte das plantas já mortas (cerca de 2 hectares) onde, há cerca de 4 anos, foram identificados os primeiros sintomas da síndrome de "moria", Valença, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves

As altas temperaturas de finais de junho e início de julho aceleraram e alastraram um grave problema identificado num pomar de kiwis localizado no concelho de Valença, afetando atualmente uma área estimada entre 10 e 15 hectares.

Seria recomendável o acompanhamento técnico das parcelas afetadas, de forma a aprofundar o conhecimento sobre a ocorrência e a avaliação de eventuais medidas de mitigação.

Relativamente às pragas, observou-se uma reduzida pressão da generalidade das espécies, não se tendo verificado aumentos populacionais significativos durante o período em análise. Na zona de observação de **Basto**, no concelho de Mondim de Basto, há registos de que o Alfinete (*Diabrotica speciosa*) atacou o milho para grão em cerca de 50% da área ocupada com esta cultura.

Na zona de observação do **Grande Porto e Entre Douro e Vouga**, a Lagarta Desfolhadora do milho (*Spodoptera* sp.) provocou prejuízos avultados em produtores de todos os concelhos. Todos os frutos em início de maturação começam a ser atacados pelas Moscas da Fruta (*Ceratitis capitata* ou *Rhagoletis pomonella*), pelo que os produtores devem realizar tratamentos preventivos.

A Estação de Avisos do EDM emitiu a Circular 11/2026 no dia 17 de julho, onde constam recomendações de intervenções fitossanitárias contra as principais pragas e doenças, em função da sintomatologia observada nas culturas da vinha, citrinos, pomóideas, hortícolas e ornamentais. Na página 9 são apresentados os inseticidas e atrativos homologados e as armadilhas para combate à Mosca do Mediterrâneo (*Ceratitis capitata*) nos citrinos.

Na página 11 estão o número de tratamentos obrigatórios a realizar por freguesia contra a Cigarrinha da Flavescência Dourada (*Scaphoideus titanus* Ball). Na página 15 são apresentados os inseticidas para combate a esta Cigarrinha, que têm homologação simultânea para a Traça da Uva (*Lobesia botrana*) e para a Cigarrinha Verde (*Jacobiasca lybica*).

2.2 Trás-os-Montes

Em julho, e apesar das temperaturas elevadas que se fizeram sentir durante o dia, as noites estiveram mais frescas e registaram-se alguns dias de neblina/nevoeiro matinal, favorecendo a ocorrência de doenças como o Oídio na vinha (*Erysiphe necator*).

Apesar das condições serem pouco favoráveis, nos locais mais frescos ainda é possível encontrar situações de Míldio ativo nas videiras (ver foto 33).



Figura 33. Videira com sintomas de Míldio ativo nas folhas, 21.07.2026, Mateus – Vila Real

Foto por: Suzana Fonseca

Durante o mês os produtores realizaram operações de controlo de vegetação, como despontas e desfolhas – tendo o cuidado de evitar a exposição excessiva dos cachos e a ocorrência de fenómenos de escaldão, que já são visíveis em vários locais do Douro Sul (fotos 34 e 35).



Figuras 34 e 35. O mesmo cacho de uvas em 26.04.2026 (esq.) e em 21.07.2026 (dir.), onde é visível o efeito do calor e da radiação solar. Na mesma vinha existem outros cachos "murchos" ou com sintomas de escaldão, Parada do Bispo - Lamego

Fotos por: Suzana Fonseca

No **Planalto Mirandês**, o estado sanitário dos soutos observados é, até ao momento, estável, após medidas de combate a pragas e doenças, nomeadamente a aplicação de caldas antifúngicas e as largadas do parasitóide *Torymus sinensis* para evitar a propagação da Vespa das Galhas do castanheiro (*Dryocosmus kuriphilus*).

Na **Terra Fria**, os dias extremamente quentes, com temperaturas superiores a 35°C, obrigaram os agricultores a ter atenção redobrada, não só no que diz respeito à rega, mas também aos cuidados sanitários. Foram realizadas aplicações de produtos fitofármacos para o controlo de pragas (nomeadamente na vinha) e de protetores como os caulinos, no caso das nozeiras.

Neste momento são bem visíveis os ramos infetados pela Vespa da Galha dos castanheiros, que assumem uma cor acastanhada. Observa-se que as galhas, na sua maioria, já estão perfuradas, significando que as vespas já nasceram sem que tenha ocorrido parasitismo (foto 37). Estamos perante um ano com uma elevada taxa de infestação da praga, superior à de anos anteriores, que terá certamente um impacto muito grande na produtividade da próxima campanha e na do próximo ano agrícola – a praga instala-se na rebentação do ano, que irá produzir os produtos no próximo ano.



Figuras 36 e 37. Aspeto de um ramo de castanheiro (esq.) e de uma galha cortada (dir.), infestados com *Dryocosmus kuriphilus*, Sobreiró de Cima – Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra

Também se observam pontualmente folhas enroladas na nervura central com manchas castanhas, que pode ser indicativo de uma doença fúngica – Antracnose ou Septoriose (ver foto 38).



Figura 38. Folhas de castanheiro com indícios de doença fúngica (Antracnose ou Septoriose), Zido – Vinhais

Foto por: Anabela Coimbra



Figura 39. Oliveira com frutos secos, Vinhais

Foto por: Anabela Coimbra

O calor intenso está a provocar a morte de alguns frutos nas oliveiras, com os pedúnculos e os próprios frutos a manterem-se nas árvores (foto 39), mesmo depois de secos ou a caírem no solo.

A 20 de julho a Estação de Avisos do Douro emitiu a Circular 9/2026, com indicações para a proteção das vinhas contra as pragas e doenças mais comuns na cultura - Míldio (*Plasmopara viticola*), Oídio (*Erysiphe necator*), Cigarrinha Verde (*Jacobiasca* sp. e *Empoasca* sp.) e Traça da uva (*Lobesia botrana*) – e com a calendarização da aplicação de inseticidas para combate à Cigarrinha da Flavescência Dourada (*Scaphoideus titanus*), nas freguesias em que a luta contra este cicadelídeo é obrigatória, de acordo com a Portaria n.º 267/2023, de 21 de agosto.

Também a Estação de Avisos do Norte Transmontano enviou, a 22 de julho, a Circular 11/2026 com informação idêntica, direcionada para a cultura da vinha.

Das Circulares constam as listas dos produtos fitofármacos homologados para utilizar nas culturas nelas referenciadas, de acordo com o publicado na plataforma SIFITO, da Direção Geral de Alimentação e Veterinária (DGAV).

Para mais informação, pode consultar o Serviço Nacional de Avisos Agrícolas em:

[Circulares da Estação de Avisos](#)

3 Cereais Praganosos para grão

3.1 Entre Douro e Minho

As sementeiras dos cereais de inverno foram feitas muito tarde, fora da época habitual, algumas em meados de abril. Em relação ao centeio, persiste a cultura em pequenas manchas nas zonas de altitude.

Apesar de sementeado tarde, o centeio desenvolveu-se bem, formou boa espiga e está na fase de maturação, prevendo-se a colheita para o início de agosto, com uma estimativa de produtividade idêntica à do ano anterior.



Figura 40. Área de aveia recém colhida, com a palha ainda por guardar, Ganfei – Valença, zona de observação do Minho
Foto por: Aurora Alves

Já a aveia teve um comportamento diferente – a cultura teve um período mais curto para se desenvolver, e as elevadas temperaturas registadas durante o mês de junho, aliadas ao atraso na sementeira, aceleraram o ciclo da cultura, afetando negativamente o enchimento e a maturação da semente e levando à obtenção de semente de qualidade inferior, produzindo também menos palha.



Figuras 41 e 42. Aveia preta recém colhida (esq.) e pormenor da semente (dir.), Ganfei – Valença, zona de observação do Minho

Fotos por: Aurora Alves

Mesmo as sementeiras feitas no período de outono/inverno tiveram menos produção, devido ao longo e contínuo período de precipitação.

Para as sementeiras de março/abril, o facto de as culturas serem feitas de sequeiro e não ter chovido durante todo o seu ciclo, é responsável por uma quebra generalizada de produção, na ordem dos -13%, por comparação com o ano passado.

A estimativa de produção do trigo é igual à do ano passado.

Estão terminadas as operações de colheita, debulha e armazenamento dos cereais.

De assinalar que os cereais praganosos de outono/inverno na sub-região do EDM se destinam praticamente ao autoconsumo e à autoutilização.

3.2 Trás-os-Montes

Um pouco por toda a região transmontana arrancou a campanha da ceifa dos cereais, que decorre sem contratempos, apesar de ter sido adiantada pelas vagas de calor do mês de junho. O estado vegetativo das plantas é bom, embora se verifique uma ligeira descida da quantidade de grão e palha, comparativamente com a campanha anterior.

No **Planalto Mirandês**, os cereais praganosos (como o trigo, o centeio e a cevada) encontram-se na fase de maturação plena ou maturação de colheita, com os grãos secos, duros e com o teor ideal de humidade para permitir a colheita mecânica.

Em Terras de Miranda, a *segada* começou mais tarde que nos restantes locais e a colheita de centeio deverá ocorrer perto ou já durante o mês de agosto.



Figura 43. Parcela com triticale, 10.07.2026, Tó - Mogadouro

Foto por: Miguel Martins



Figura 44. Parcela com centeio, 10.07.2026, Vila de Ala – Mogadouro

Foto por: Miguel Martins



Figuras 45 e 46. Parcela de aveia com pormenor dos grãos, 08.07.2026, Palancar – Miranda do Douro

Fotos por: Miguel Martins

Na **Terra Fria**, o início do mês de julho coincidiu com o fim do ciclo cultural dos cereais praganosos, visto que a maturação ocorreu na altura em que as temperaturas subiram consideravelmente – na última semana de junho e primeiros dias de julho.

A ceifa no concelho de Bragança iniciou-se no dia 03 de julho, temporalmente mais cedo que na campanha anterior, mas no concelho de Vinhais apenas na segunda quinzena do mês, prevendo-se que termine no final de julho.

Os trabalhos decorreram sem percalços, apesar das trovoadas pontuais que ocorreram em alguns locais a partir de dia 12 e que coincidiram com o enfardamento da palha em Bragança e com o início da ceifa em Vinhais. Não foram descritos prejuízos causados por estes episódios.



Figura 47. Parcela cultivada com trigo, Prada - Vinhais

Foto por: Anabela Coimbra



Figuras 48 e 49. Cereais de out/inv (centeio), com pormenor do grão, 15.07.2026, Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra

O grão apresenta-se pequeno e com qualidade razoável (foto 49), apesar de ter baixo peso específico, o que deprecia a sua qualidade para farinha. Grande parte da produção nesta área de observação tem como destino a alimentação dos diferentes efetivos pecuários.



Figura 50. Operação de corte e enfardamento de centeio, Rebordelo – Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 51. Corte de centeio, 08.07.2026, Deilão – Bragança

O triticale foi o único cereal que, segundo os produtores, teve uma produção semelhante à do ano anterior.

O preço do grão, de forma generalizada para todos os cereais, continua com preços muito baixos, fator que torna pouco ambicioso o cultivo destas culturas. A maioria dos produtores que ainda o fazem têm explorações pecuárias e necessitam da palha para os animais. A palha é um produto que neste momento é procurado na região, verificando-se algumas trocas comerciais.



Figura 52. Carregamentos de palha e feno para comercialização, S. Pedro de Sarracenos – Bragança

Foto por: Anabela Coimbra

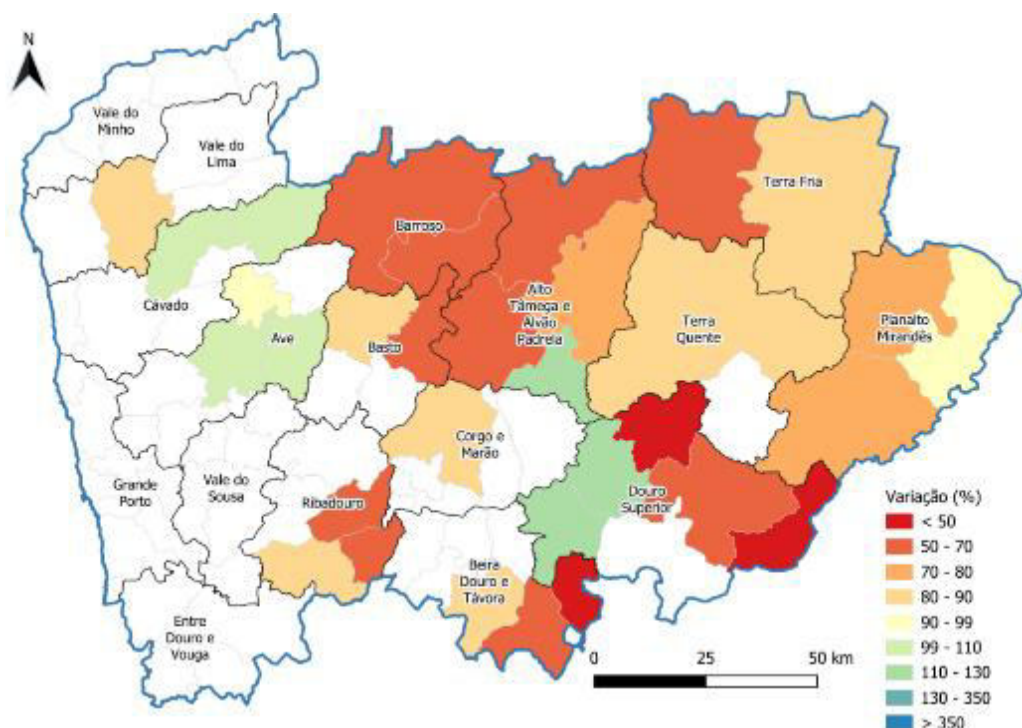
Na **Terra Quente** transmontana já se iniciou a colheita dos cereais de outono/inverno, antecipada relativamente ao que seria normal (tal como em outras culturas) devido às elevadas temperaturas da primavera e verão e escassez de precipitação, que aceleraram o ciclo vegetativo das plantas e anteciparam a maturação dos grãos. Os cereais concluíram o seu desenvolvimento mais rapidamente, reduzindo o período de enchimento do grão. Apesar destas condições adversas, as colheitas decorrem com normalidade, sendo agora importante avaliar os impactos do stress hídrico na produtividade final.

A campanha fica marcada pelo carácter precoce da maturação e da colheita, reflexo das condições climáticas excecionalmente quentes registadas este ano.



Figuras 53 e 54. Colheita mecânica dos cereais na Terra Quente

Fotos por: Paulo Guedes



Mapa 1 – Evolução da produção de centeio grão por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021-2025

4 Milho grão de Sequeiro | Regadio

4.1 *Entre Douro e Minho*

Observa-se uma evolução diferenciada do estado vegetativo do milho entre parcelas, em função da data de sementeira, da disponibilidade de água e das condições de germinação.

Nas sementeiras iniciais, os campos encontram-se em fase de floração, apresentando bom desenvolvimento vegetativo, plantas vigorosas, cor verdejante e aspeto saudável, pelo que se espera uma boa produção.

Nas sementeiras mais tardias, observa-se um desenvolvimento mais fraco, com plantas menos vigorosas, situação associada ao atraso das sementeiras e às dificuldades de germinação verificadas em algumas parcelas.

Para o milho em regime de sequeiro a estimativa aponta para uma diminuição da produtividade (-2%), por comparação com a do ano anterior.



Figura 55. Milho de sequeiro, Afife, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho



Figura 56. Milho de regadio, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho

Quanto à variação da área semeada no milho de regadio, a informação definitiva da venda de sementes leva-nos a aumentar a quebra estimada anteriormente. O tempo quente e seco de junho desincentivou as sementeiras mais tardias e não houve procura de semente, pelo que a estimativa é de uma redução da área semeada (-5%), face a 2025.

4.2 Trás-os-Montes



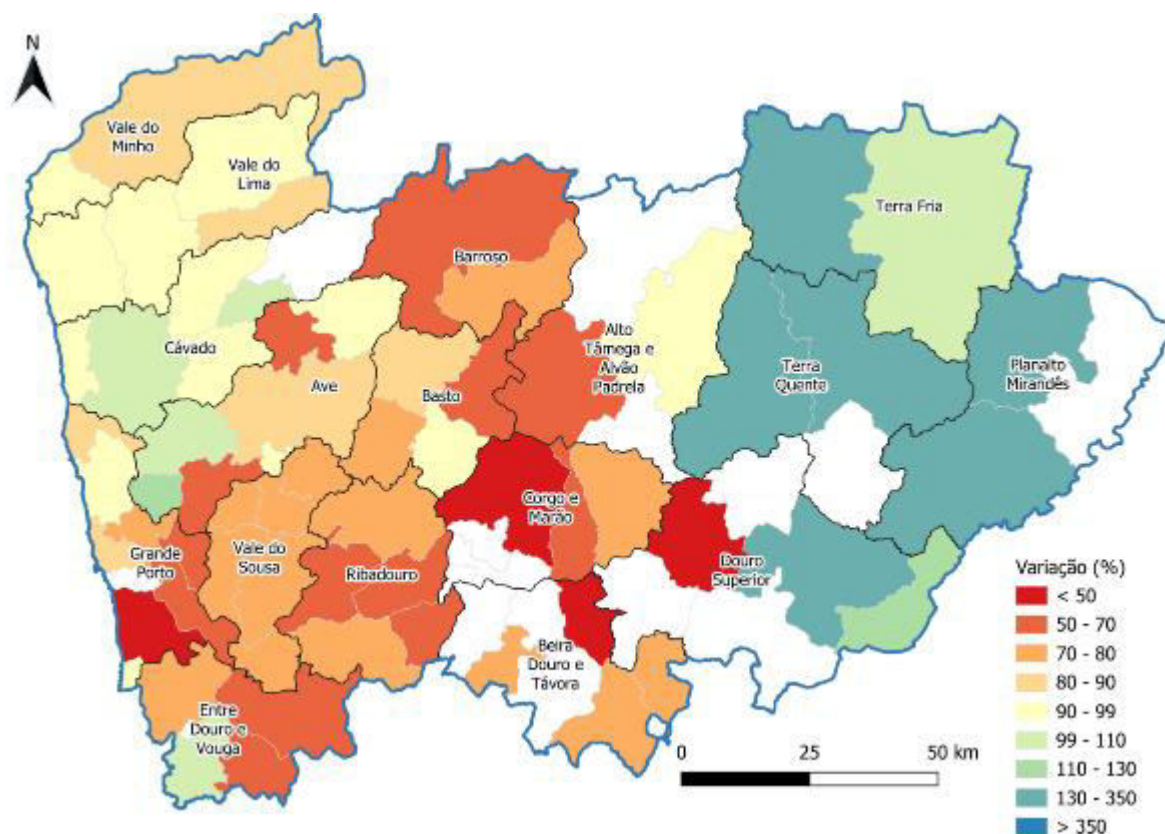
Figura 57. Milho em regime de sequeiro, Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 58. Milho grão em regime de regadio, Rio de Fornos -Vinhais

Prevê-se um ligeiro aumento de área cultivada com milho de regadio nos concelhos da Terra Fria – Bragança e Vinhais.



Mapa 2 – Evolução da produtividade de milho grão de regadio por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021-2025

5 Leguminosas secas – Grão-de-Bico e Feijão

5.1 Entre Douro e Minho

O feijão é cultivado em pequenas áreas, para o autoconsumo e venda nos circuitos curtos. Regra geral, as sementes utilizadas provêm da cultura do ano anterior.

As temperaturas muito elevadas aceleraram a formação do grão, que ficou mais pequeno, mesmo com um número de regas superior. O grão formou-se e secou rapidamente, sem ter tempo para se desenvolver, por isso a estimativa de produtividade é inferior à do ano anterior (-2%).

Estas são culturas exigentes em água, com necessidades de regas frequentes para assegurar o potencial produtivo, para as quais a época habitual de colheita e secagem é fim de julho/início de agosto.



Figura 59. Feijão a secar na eira, Oliveira de Azeméis, zona de observação do entre Douro e Vouga

Foto por: Isabel Correia

5.2 Trás-os-Montes



Figura 60. Feijão em regime de sequeiro, Vinhais

Foto por: Anabela Coimbra

Na Terra Fria é frequente encontrar cada vez mais áreas cultivadas com feijão (ver foto 60) e grão-de-bico em regime de monocultura e ambas as culturas estão em bom estado vegetativo, sendo que, segundo os produtores, este ano serão mais produtivas que na campanha anterior.

O aumento de área para produção de leguminosas em TM nem sempre se traduz na colheita dos produtos, na medida em que boa parte das plantas são objeto de sideração (destroçadas e enterradas em fresco), para melhoria da fertilidade do solo.

Por este motivo, torna-se difícil aferir o impacto da Intervenção A.1.2.6 - Pagamento às Proteaginosas, cujo principal objetivo passava pelo aumento da produção e do grau de aprovisionamento nacional de 12 culturas com alto teor proteico de origem vegetal, para introdução na alimentação humana.

6 Batata | Hortas familiares

6.1 Entre Douro e Minho

O envelhecimento da população agrícola, elevados custos de produção, dificuldade em lidar com pragas e doenças e a importação de batata mais barata, são as principais razões para o declínio que esta cultura tem vindo a ter na sub-região do EDM.

O interesse pela batata de sequeiro diminuiu drasticamente, na sequência do início da primavera ter sido muito chuvoso, impedindo plantações precoces, com o clima a tornar-se rapidamente quente e seco (abril foi muito quente e seco), o que impediu o normal desenvolvimento vegetativo da cultura.



Figuras 61 e 62. Colheita da batata em Esposende, zona de observação do Cávado

Fotos por: Maria Laura

As condições meteorológicas foram pouco favoráveis à batata de regadio. Na fase inicial do seu ciclo o tempo foi chuvoso e frio e as plantas tiveram dificuldade na emergência. Na fase de desenvolvimento vegetativo o tempo continuou frio e seco, os produtores regaram menos (por estar frio), o que contribuiu para a obtenção de tubérculos de calibre médio.

Nas zonas do interior, o início da época das regas foi precoce, já que em abril e maio apenas ocorreram aguaceiros fracos, ao contrário do que era habitual. Maior número de regas aumentam os custos da cultura, com combustíveis ou eletricidade.

Nos produtores com maior escala na área do Grande Porto, “a cultura está em plena fase de colheita. As produções são boas e os calibres também, embora em algumas variedades os calibres sejam grandes demais. Os produtores estão com dificuldades em contratar mão-de-obra sazonal para a apanha e o preço à saída do campo está muito baixo, o que leva alguns produtores a considerar a hipótese de não fazer a colheita.”

O estado sanitário dos batatais foi bom, com as condições climáticas a serem desfavoráveis ao ataque de Escaravelho (*Leptinotarsa decemlineata*), Traça (*Phthorimaea operculella*) e incidência de Míldio (*Phytophthora infestans*), resultando num menor número de tratamentos fitossanitários comparativamente a 2025.

Os batatais de regadio estão na fase de maturação, prevendo-se que parte das colheitas da batata de regadio venham a decorrer durante o mês de agosto.



Figura 63. Batata de conservação, da variedade “Kennebec”, com grande calibre, Arouca, zona de observação de entre Douro e Vouga

Foto por: Isabel Correia

6.2 Trás-os-Montes

No **Planalto Mirandês**, a batata em regime de sequeiro já foi praticamente toda colhida (nas cotas mais baixas as primeiras foram apanhadas no final de maio) e encontra-se, tal como a batata em regime de regadio, em bom estado vegetativo, não obstante alguns produtores relatarem casos pontuais de ataque da Lagarta-Rosca (*Agrotis ipsilon*).

Nesta sub-região as hortas familiares contam com hortaliça variada e estão verdejantes e sãs, tal como estavam em igual período de 2025. O bom desenvolvimento vegetativo está associado a regas periódicas, através de poços e nascentes, que quando devidamente limpos e mantidos, ainda repõem água com facilidade.



Figuras 64 e 65. Horta familiar com grande variedade de hortícolas, 10.07.2026, Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

Também no **Douro Sul** se ultima a colheita da batata de sequeiro, que se apresenta com boa qualidade, assegurando condições de conservação. Nas hortas familiares colhem-se tomates, pimentos, pepinos e tantos outros vegetais da época, que apoiam o rendimento do agregado familiar.

Na **Terra Fria** a cultura da batata, tanto em regime de sequeiro como de regadio, apresenta um bom desenvolvimento vegetativo. As regas intensificaram-se na primeira quinzena do mês e os produtores continuam com um olhar atento e a realizar os tratamentos fitossanitários necessários para manter a cultura livre de Míldio (*Phytophthora infestans*) e outras pragas. Durante o mês observou-se a batata de regadio em plena floração e a colheita de pequenas áreas de batata de sequeiro para autoconsumo, com os produtores a afirmar que os calibres dos tubérculos são bons e têm ótima qualidade.



Figura 66. Cultura de batata de regadio em floração, Deilão - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 67. Cultura de batata de sequeiro, Paçó - Vinhais

Confirmam-se as previsões do Boletim do mês anterior, que apontavam para um aumento de produção na ordem dos 5%, com aumento também da qualidade do produto.



Figura 68. Abóboras, Paçó - Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 69. Abóboras, Gostei - Bragança



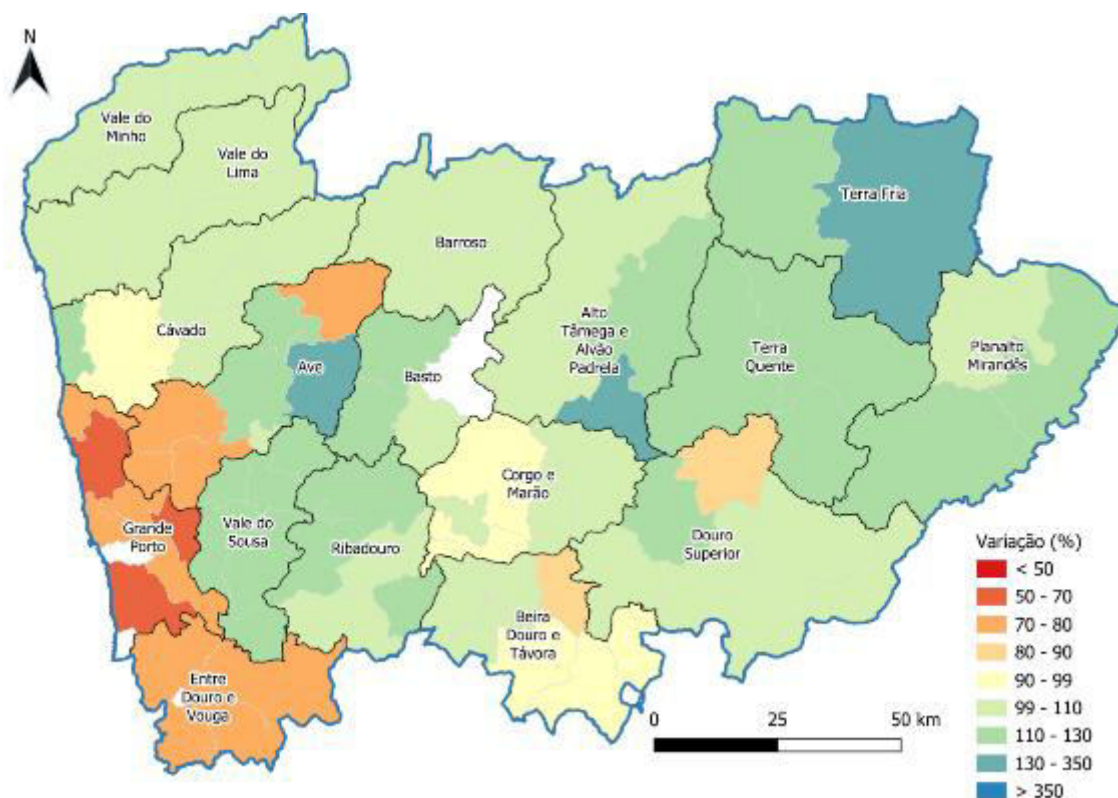
Figura 70. Horta familiar, Gimonde - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 71. Horta familiar, Paçó - Vinhais

Nesta sub-região as hortas familiares são muito diversificadas e apresentam-se em bom estado vegetativo e muito verdejantes, tendo começado este mês a disponibilizar os primeiros legumes. As abóboras estão com ótimo desenvolvimento e já é possível observar-se frutificação (fotos 68 e 69).



Mapa 3. Evolução da produtividade da batata de regadio por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021-2025

7 Fruticultura

7.1 Entre Douro e Minho

Actinídeas (Kiwi)

Os pomares de kiwi apresentam-se em bom estado de desenvolvimento vegetativo e no final do período de observação as plantas encontravam-se no estado fenológico M – frutos em crescimento. As condições meteorológicas registadas nas últimas semanas favoreceram o crescimento dos frutos, que estão a desenvolver-se muito bem, facilitando o controlo das principais doenças fúngicas, bacterianas e das pragas que afetam a cultura.

Registou-se algum escaldão, mas sem grande significado.

Face ao estado das plantas e às condições em que se desenvolvem, estima-se uma campanha com boa produtividade, superior à de 2025 e ao nível do potencial desta cultura na região.



Figura 72. Pomar de kiwi, variedade "Érica", com muita fruta vingada, calibres uniformes e sem sintomas de qualquer problema, Valença, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves

Ameixeiras, Cerejeiras e Pessequeiros

Houve uma produção considerável de cereja, com um aumento de 2,6 vezes mais fruta do que o verificado no ano passado.

Os pessegueiros e as ameixeiras apresentam um bom desenvolvimento vegetativo, com estimativa de produtividade superior (+22%) à verificada na campanha de 2025.

Amendoeiras, Castanheiros, Nogueiras,

A estimativa de produtividade da amendoeira é que seja idêntica à do ano anterior.

Na zona de observação do **Minho**, a área de castanheiro tem vindo a aumentar nos últimos anos, verificando-se a instalação de novos soutos, sobretudo em terrenos marginais e de menor aptidão agrícola.

Contudo, a produção mantém-se ainda reduzida, em consequência de muitas das plantações estarem em crescimento e das limitações edafoclimáticas de algumas parcelas, frequentemente implantadas em solos pouco profundos, de baixa fertilidade e sem disponibilidade de rega, como é o caso dos baldios.

Durante o mês de julho, as condições meteorológicas – caracterizadas pelo predomínio de tempo seco, temperaturas elevadas e forte evapotranspiração – aumentaram o stress hídrico das plantas, sobretudo nas plantações jovens e nas parcelas instaladas em terrenos de reduzida capacidade de retenção de água.



Figura 73. Plantação de castanheiros em área de baldio, Covas – Vila Nova de Cerveira, zona de observação do Minho
Foto por: Aurora Alves



Figura 74. Plantação de castanheiros em crescimento, com sistema de rega gota-a-gota, Cornes – Vila Nova de Cerveira, zona de observação do Minho
Foto por: Aurora Alves



Figura 75. Castanheiros com alguns ouriços formados, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho

Regra geral, os castanheiros apresentam um bom desenvolvimento vegetativo, observando-se já os ouriços formados em muitas árvores.

No que diz respeito à produção de noz, prevê-se que venha a ser inferior à do ano passado. Os habituais problemas sanitários – como sejam a Bacteriose da Nogueira e a Mosca da Casca Verde no fruto (*Rhagoletis completa*) não têm a gravidade de outros anos, apresentando um bom desenvolvimento vegetativo e observando-se os frutos em crescimento. De um modo geral, a cultura encontra-se na fase de frutificação.



Figura 76. Castanheiros com alguns ouriços formados, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho

Contudo, em algumas árvores é possível encontrar sintomas de escurecimento em frutos em crescimento.



Figura 77. Nogueira com escurecimento dos frutos (consistente com sintomas de Bacteriose), zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho

Citrinos

A floração das laranjeiras, clementinas e tangerineiras foi abundante, mas o vingamento aponta para uma produtividade semelhante à da última campanha, devido ao facto dos frutos terem menor calibre, mas boa qualidade organolética (são doces).

Mirtilos

O mês de julho correspondeu ao período de maior intensidade da colheita, para a generalidade das variedades de mirtilo. As condições meteorológicas ocorridas favoreceram uma boa qualidade da fruta, reduzida incidência de doenças fúngicas e boas condições para a realização das colheitas.

No entanto, as temperaturas elevadas registadas ao longo do mês aceleraram o processo de maturação dos frutos, conduzindo a uma sobreposição dos períodos de colheita das variedades de ciclo intermédio e tardio.

Esta concentração da oferta num curto intervalo de tempo dificultou significativamente o escoamento da produção.

As estruturas habituais de comercialização, nomeadamente as organizações às quais os produtores estão associados, revelaram dificuldades em absorver o elevado volume de fruta disponível tendo, em alguns casos, recomendado aos produtores a procura de canais alternativos de comercialização.

Esta situação originou constrangimentos na colheita e no escoamento da produção, podendo traduzir-se em perdas de fruta por atraso na apanha ou por dificuldades de comercialização. Em consequência da excessiva oferta, os preços praticados também estão a ser ainda mais baixos do que no ano anterior, pondo em causa a viabilidade económica destas explorações agrícolas.

A estimativa aponta para uma produção maior (+6%) por comparação com a do ano anterior.

Pomóideas

Nas pomóideas encontramos uma carga de fruta impressionante, em especial na pera. Nos pomares sem monda há muita fruta, embora de calibre muito pequeno.

As árvores apresentam uma queda natural dos frutos, acentuada pela persistência das temperaturas elevadas, mesmo nos pomares com rega.

Registam-se ataques da Mosca da Fruta (*Ceratitis capitata* ou *Rhagoletis pomonella*).

As variedades cuja maturação ocorre neste mês, vulgarmente designadas de S. João, estão mais adiantadas, estando a colheita concluída.



Figura 78. Exemplos das três principais variedades regionais de maçã – “Verdeal”, “Pipo de Basto” e “Porta da Loja”, Cabeceiras de Basto, zona de observação de Basto.

Foto por: Jerónimo Côrte-Real Santos

A previsão de produção é de mais de 50% nas variedades regionais “Porta da Loja”, “Verdeal” e “Pipo de Basto”, sendo que a estimativa global aponta para um aumento de produtividade de 3% em relação ao ano passado.



Figura 79. Pereira com frutos em crescimento, zona de observação do Cávado

Foto por: Maria Laura



Figura 80. Pereira com frutos em desenvolvimento, zona de observação do Vale do Lima

Foto por: Sandra Coelho

Prevê-se um aumento de produtividade da pera de cerca de 7% em relação ao ano transato, contando que nos pomares tratados há muita fruta e sanitariamente são.

7.2 Trás-os-Montes

Por toda a região as diferentes culturas permanentes, em especial as que não têm sistema de rega instalado, enfrentam duras condições meteorológicas causadas pelo já referido longo período de dias quentes e secos, mas no geral apresentam-se em bom estado vegetativo.

Amendoeiras, Aveleiras, Castanheiros, Nogueiras, Pistachos

No Planalto Mirandês, a cultura da amêndoa encontra-se na fase de endurecimento da casca interior, prevendo-se que nas próximas semanas ocorra a abertura de fenda na casca exterior. O fruto apresenta bom calibre e o miolo da amêndoa, cujo crescimento poderia ter sido comprometido pelas altas temperaturas, mantém o seu desenvolvimento normal, mesmo em pomares de sequeiro. Segundo declarações dos produtores, é esperado um ligeiro aumento de produtividade, face a 2025.



Figuras 81 e 82. Mesma parcela de amendoal, em 12.06.2026 (esq.) e em 10.07.2026 (dir.), Castelo Branco – Mogadouro
Fotos por: Miguel Martins

Nos soutos desta sub-região a floração decorreu da melhor forma e neste momento as plantas estão em fase do vingamento do fruto, sendo já visíveis os pequenos ouriços, que se encontram sensivelmente no mesmo patamar de desenvolvimento de igual período de 2025.



Figuras 83 e 84. Mesmo souto, em 12.06.2026 (esq.) e em 10.07.2026 (dir.), Bruçó – Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

No **Douro Sul** também se afigura um bom ano de produção de amêndoa, com as árvores a apresentar grande quantidade de frutos com bom calibre.

Durante o mês de julho os castanheiros concluíram a floração, que decorreu sem quaisquer percalços, e neste momento já se observam os ouriços completamente formados. Inicia-se uma das fases mais críticas do processo produtivo, onde o desenvolvimento dos frutos pode vir a ser condicionado pelas condições meteorológicas – temperaturas elevadas e ausência de precipitação – e pelo risco de ocorrência de doenças como a Septoriose e a Podridão Castanha (*Gnomoniopsis smithogilvyi*).



Figuras 85 e 86. Souto com ouriços bem desenvolvidos, onde é visível a desidratação da vegetação espontânea, resultado das condições atmosféricas atuais, 21.07.2026, S. Martinho das Chãs – Armamar

Fotos por: Suzana Fonseca

Os pomares de amendoeiras da **Terra Fria** – quer os recém instalados, quer os mais antigos, que já se encontram em produção – apresentam-se em razoável estado vegetativo, apesar dos crescimentos terminais das árvores estarem muito comprometidos por ataques de Moniliose (*Monília* sp.).

A assimetria referida no Boletim de junho foi homogeneizando durante o último mês e os frutos apresentam tamanhos mais uniformes. Verifica-se a existência de mais frutos nas amendoeiras, comparativamente à campanha anterior, que estão a terminar a fase de "engorda", para seguir para a fase de maturação (fotos 87 e 90).



Figuras 87 e 88. Pomar de amendoeiras e aspeto das amêndoas, Curopos – Vinhais
Fotos por: Anabela Coimbra



Figuras 89 e 90. Pomar de amendoeiras e aspeto das amêndoas, Milhão – Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra

Os castanheiros, apesar do forte ataque das Vespas-das-Galhas e do elevado número de galhas observado, apresentam um razoável estado vegetativo, apesar de pior, se compararmos com o ano anterior. A floração foi boa, de correu em boas condições e já é possível observar os ouriços devidamente formados, nas variedades mais temporãs (foto 92). Contudo, as condições atmosféricas durante o verão vão determinar em muito a forma como esses frutos se irão desenvolver e até mesmo o desenvolvimento de doenças, como é o caso da Podridão Castanha.



Figuras 91 e 92. Castanheiros de variedade temporã, em regime de sequeiro, com pormenor dos ouriços em fase de engrossamento, Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra

Se continuarem a ocorrer oscilações térmicas muito acentuadas e se o mês de agosto for muito quente e seco, com ausência de precipitação, os produtores podem vir a ter problemas no vingamento dos frutos de variedades mais tardias, como a “Judia” e a “Longal”.

Como foi referido nos Boletins anteriores, a intensidade de ataque da Vespa das Galhas representa, esta campanha, um fator acrescido de risco para os sotos da região transmontana.

Para as culturas da noz e da avelã na **Terra Fria**, que se encontram na fase de engorda dos frutos, as plantas apresentam um bom vigor vegetativo, com bom vingamento dos frutos, apesar de menor número de frutos vingados no concelho de Bragança, face ao que seria normal para a área de observação. No concelho de Vinhais observam-se mais frutos vingados, em ambas as culturas, prevendo-se um ano semelhante em termos de produtividade (ainda que inferior ao normal para esta sub-região).



Figura 93. Aspeto das avelãs, Gostei – Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 94. Aspeto das avelãs, Vinhais

Na nogueira os frutos estão simétricos, mas ainda é prematuro fazer previsões de produtividade, pois é uma cultura muito sensível ao calor e o crescimento dos frutos vai depender das condições meteorológicas durante o verão, da disponibilidade de água no solo e da capacidade de rega.



Figuras 95 e 96. Aspeto do pomar de nogueiras e pormenor das nozes, Gostei – Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra

Quando as temperaturas sobem consideravelmente durante muitos dias consecutivos (com temperaturas acima dos 36°C) existe a necessidade de intensificar as regas e aplicar “caulino” para evitar o escaldão. Esta campanha os produtores declaram ter realizado três tratamentos fitossanitários – igual número do ano anterior.

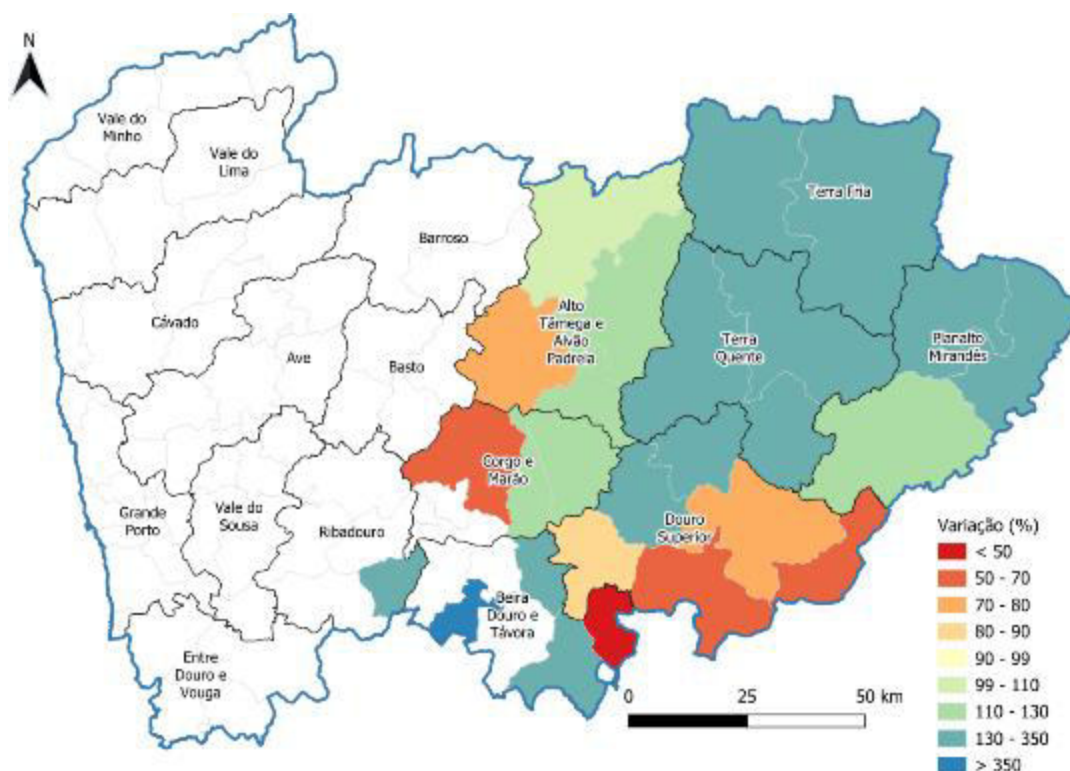
Embora jovens, em número reduzido e longe de estarem em plena produção, os pomares de pistacho apresentam-se em bom estado vegetativo e já é possível observar os primeiros frutos. Encontramos pomares instalados em regime de sequeiro ou em regime de regadio, sendo que nestes últimos a frutificação é maior e os frutos apresentam calibres superiores.

Na **Terra Quente**, em algumas variedades mais precoces de amêndoa, os frutos já se encontram em estado de maturação adequado para a colheita, sendo expectável que nas zonas mais quentes os trabalhos se iniciem nos primeiros dias de agosto. De um modo geral os amendoais apresentam uma boa carga produtiva e frutos de elevada qualidade, com calibres e características muito satisfatórios. Apesar do calor e da reduzida disponibilidade hídrica, a amêndoa produzida em regime de sequeiro conseguiu desenvolver-se adequadamente, sem sinais significativos de défice hídrico. Perspetiva-se uma campanha com resultados bastante positivos, tanto ao nível da quantidade, como da qualidade.



Figura 97. Amendoal de sequeiro e pormenor das amêndoas, prontas para a colheita

Foto por: Paulo Guedes



Mapa 4 – Evolução da produtividade da amêndoa por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021-2025

Nesta sub-região as perspetivas para a campanha da castanha são globalmente favoráveis, apontando para uma produção dentro dos valores considerados normais. Apesar dos constrangimentos provocados pela Vespa-das-Galhas do Castanheiro, os pomares apresentam um estado vegetativo satisfatório e uma capacidade produtiva que não deverá comprometer o potencial da colheita. De uma forma generalizada observa-se que os ouriços estão bem formados, são, homogêneos e com calibres compatíveis com os de um ano de produção normal. Prevê-se uma oferta de castanha de qualidade e em quantidades ajustadas ao padrão produtivo da região.

Ameixeiras, Cerejeiras, Pessequeiros

Em julho foi dada por concluída a colheita de cereja no **Douro Sul**, atingindo-se valores de produção bastante interessantes. Apesar das perdas na fase inicial da colheita, com a elevada precipitação a provocar a destruição de grande parte das variedades precoces, as variedades tardias e semi-tardias reuniram condições ótimas de desenvolvimento, com a produção desta campanha a superar entre 20-30% a do ano anterior (dependendo dos concelhos), com fruta de grande qualidade.

Nesta sub-região, e apesar dos intensos ataques de Lepra (*Taphrina deformans*) ocorridos, foi um ano particularmente bom para a produção de ameixas, com as árvores a apresentar grande quantidade de frutos, com calibre e qualidade elevados. A colheita já teve início, mas prevê-se que o pico da campanha seja em agosto.



Figura 98. Pomar com ameixeiras, 21.07.2026, Britiande - Lamego

Foto por: Maria João Sequeira



Figura 99. Pomar com ameixeiras, 21.07.2026, Gojim - Armamar

Foto por: Suzana Fonseca

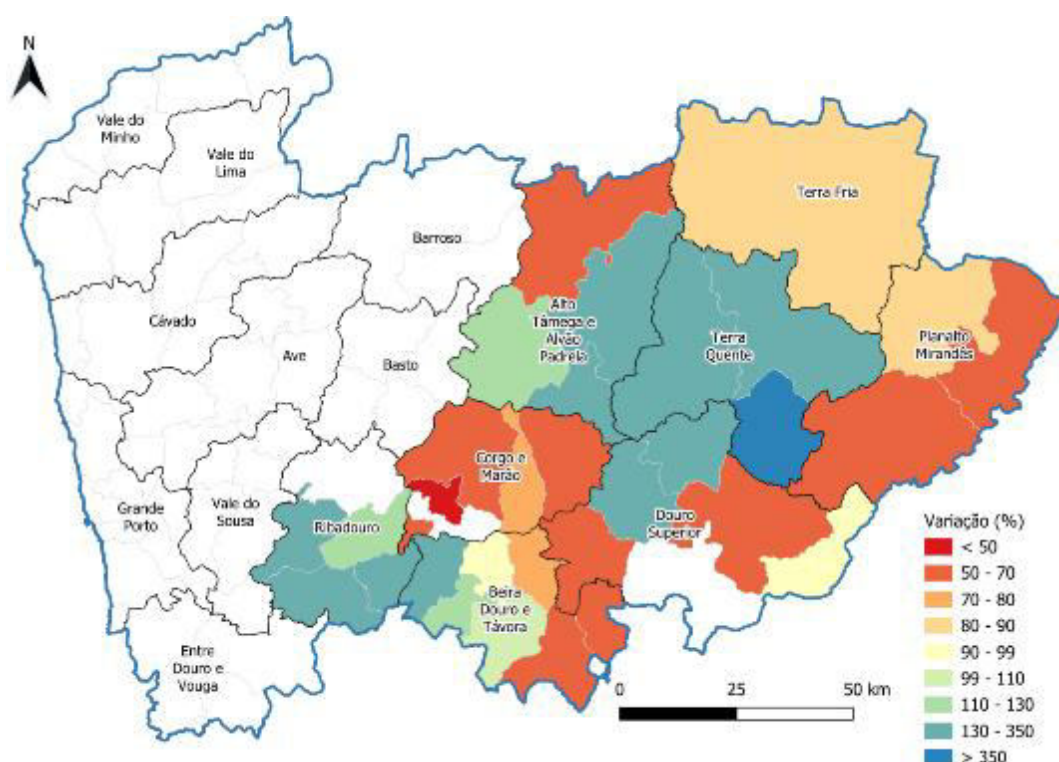
Na **Terra Quente**, principal zona de produção de pêssigo na Região Norte, a campanha encontra-se já no pico das colheitas, entrando atualmente numa fase decrescente. Um dos principais desafios enfrentados pelos produtores continua a ser a escassez de mão-de-obra para a realização da apanha, numa altura em que a maturação dos frutos ocorre de forma muito rápida. Uma vez que a maturação raramente é simultânea na mesma árvore, é necessário efetuar duas passagens semanais para colher apenas os frutos que apresentam o grau ideal de maturação. Apesar destas dificuldades, a qualidade do produto é considerada excelente, destacando-se os frutos pelo seu elevado teor de açúcar, firmeza e boa apresentação comercial, características muito valorizadas pelos consumidores.

As condições meteorológicas deste ano aceleraram o processo de maturação, prevendo-se por isso que a campanha termine mais cedo do que é habitual.



Figuras 100 e 101. Colheita de pêssgo vermelho, Vale da Vilarça

Fotos por: Paulo Guedes



Mapa 5 – Evolução da produção da cereja por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021-2025

Figueiras

Na **Terra Quente** a colheita do figo vindimo já decorre em pleno ritmo, tendo-se iniciado a meados de julho, cerca de duas semanas mais cedo do que é habitual. Em anos normais, os primeiros figos vindimos surgem apenas no final de julho, existindo geralmente um intervalo de cerca de um mês entre o final da colheita do figo lampo e o início da colheita do figo vindimo.

Curiosamente, no ano passado, a colheita do figo lampo terminou em meados de julho e este ano, na mesma data, iniciou-se a apanha do figo vindimo.

Também nesta cultura as elevadas temperaturas foram responsáveis pela alteração do comportamento fisiológico das plantas e pelo acelerar da maturação dos frutos.

A produção apresenta-se generosa, com boa quantidade de figos disponíveis para comercialização. Os primeiros frutos colhidos destacaram-se pelos seus calibres mais elevados, enquanto os figos atualmente em colheita apresentam dimensões ligeiramente inferiores, situação que se explica pela elevada carga produtiva das figueiras. Apesar disso, a qualidade global mantém-se satisfatória, perspetivando-se uma campanha positiva para os produtores.



Figura 102. Pomar de figueiras em plena produção, com pormenor dos frutos

Foto por: Paulo Guedes

Mirtilos

A região de Trás-os-Montes reúne excelentes condições edafoclimáticas para a produção de mirtilo, destacando-se pela conjugação de solos adequados e condições meteorológicas favoráveis ao desenvolvimento da cultura.

Nos pomares de mirtilos do **Planalto Mirandês** regista-se uma grande atividade, decorrente de se atingir o pico de colheita da campanha, com grande abundância de frutos, em bom estado sanitário. A inexistência de pragas ou doenças levou à escusa na aplicação de fitofármacos e à obtenção de frutos 100% biológicos.

Com pomares geralmente providos de sistema de rega, a produtividade da cultura tem vindo a aumentar gradualmente, ano após ano (os pomares atuais têm cerca de 10-12 anos).

Na **Terra Fria** os produtores declaram que a campanha de recolha do fruto decorreu sem percalços e com um aumento de produção de cerca de 5%, comparativamente aos valores do ano anterior.

Também os produtores do **Douro Sul** registaram aumentos de produtividade nos pomares, que se traduziram em alguma dificuldade no escoamento dos frutos e em quebras no valor de venda.

Os pomares da **Terra Quente** apresentam bons níveis de produtividade e os frutos obtidos caracterizam-se pela sua elevada qualidade, com excelente calibre, firmeza e sabor. Trata-se de uma produção cada vez mais valorizada pelos mercados, graças às suas propriedades nutricionais e à crescente procura por parte dos consumidores.

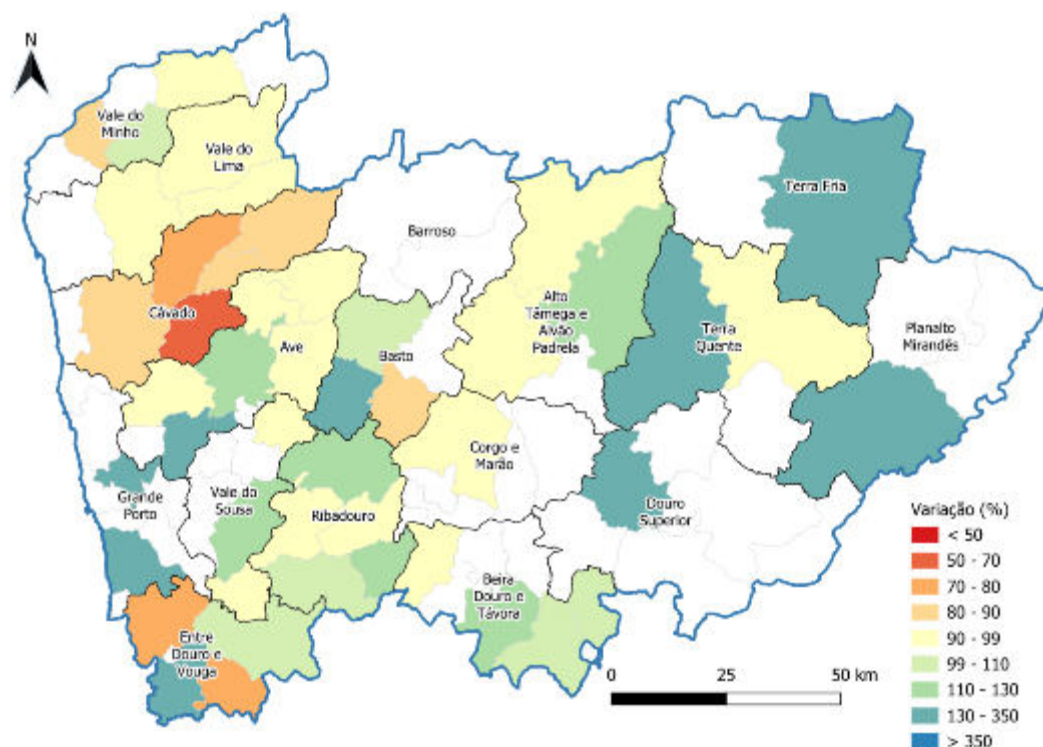
Nos últimos anos tem-se verificado um aumento significativo da área plantada, refletindo o interesse dos produtores nesta alternativa agrícola.

O mirtilo afirma-se como uma cultura em franca expansão na região, com boas perspetivas de crescimento e de valorização futura.



Figura 103. Pomar de mirtilos e pormenor dos frutos

Foto por: Paulo Guedes



Mapa 6 – Evolução da produção do mirtilo por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021-2025

Pomóideas

O crescimento das pomóideas em Trás-os-Montes, e em particular no **Douro Sul** onde tem maior expressão, decorre com normalidade, após o controlo dos sucessivos ataques de Pedrado. Durante o mês de julho os produtores realizaram algumas mondas, com vista à obtenção de frutos de maior calibre.

A colheita das peras iniciou-se no final de junho (em variedades precoces como a “Dona Joaquina”) e está praticamente concluída, restando apenas algumas variedades mais tardias.

Nos pomares de maçã continua a ser realizada a rega das árvores, promovendo não só o crescimento dos frutos, mas também a resistência das plantas às elevadas temperaturas. Prevê-se que a campanha de colheita das maçãs se inicie a meados do mês de agosto, começando pela variedade “Royal Gala”, estimando-se que a produtividade mantenha em valores idênticos aos do ano anterior.



Figura 104. Pomar de macieiras da variedade "Royal Gala", 21.07.2026, Britiande – Lamego

Foto por: Suzana Fonseca



Figura 105. Pomar de macieiras da variedade "Golden Delicious", 21.07.2026, Britiande – Lamego

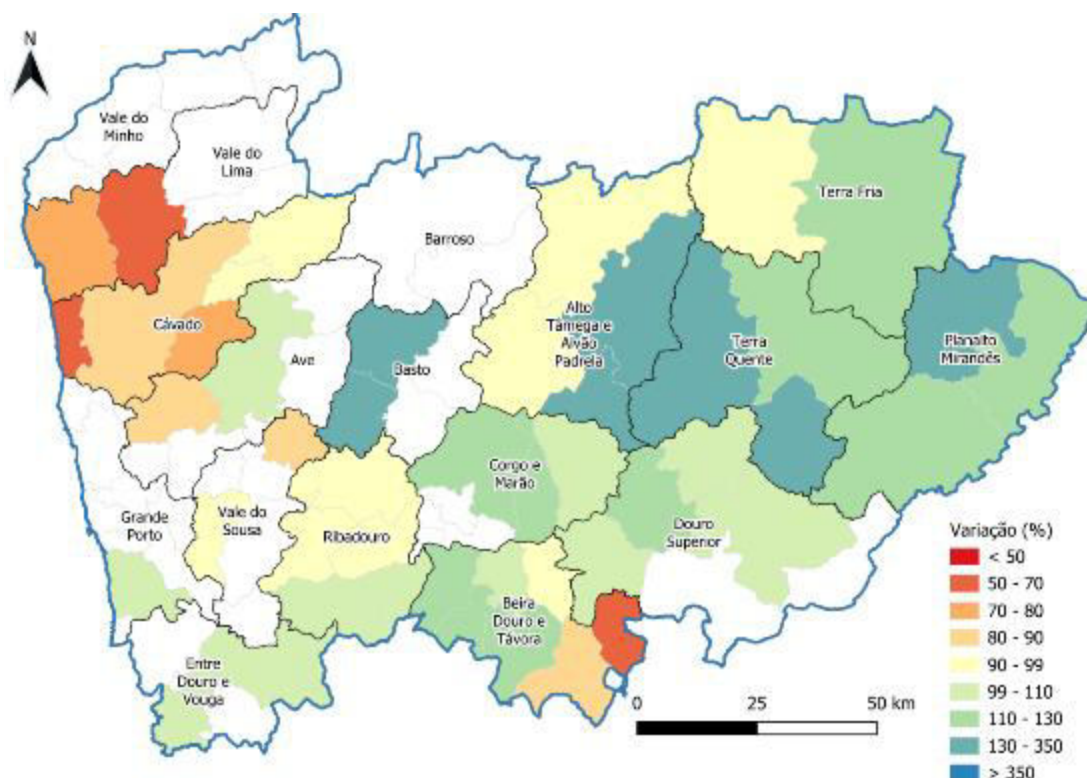
Foto por: Maria João Sequeira

Os pomares de maçãs no **Planalto Mirandês** encontram-se em bom estado e desenvolvimento vegetativo, com a previsão de produtividade a ser ligeiramente superior à de 2025 (resultado, entre outros fatores, da existência de sistema de rega).



Figuras 106 e 107. Pomar de macieiras e pormenor dos frutos, 13.07.2026, Azinhoso, – Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Mapa 7 – Evolução da produtividade de maçã por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021-2025

Sabugueiros

Naquele que se afigura um bom ano de produção para a cultura do sabugueiro no **Douro Sul**, encontramos plantas bem desenvolvidas, com um aspeto saudável e com as bagas praticamente prontas a colher. Segundo informações prestadas pela unidade de recolha e transformação deste produto na região, o °Brix já atinge os 13°, pelo que a colheita deverá iniciar-se em breve, muito possivelmente nos primeiros dias do mês de agosto.



Figura 108. Cacho de baga de sabugueiro, na fase final da maturação, 21.07.2026, Tarouca

Foto por: Maria João Sequeira

8 Vinha

8.1 *Entre Douro e Minho*

Na zona do Alvarinho, a generalidade das vinhas está no início do “Pintor”, ligeiramente mais adiantadas que em igual período do ano anterior.



Figura 109. Vinha da casta “Alvarinho” com muita produção, Moreira – Monção, zona de observação do Minho
Foto por: Aurora Alves



Figura 110. Vinha da casta “Loureiro” em bom estado sanitário, Ganfei – Valença, zona de observação do Minho
Foto por: Aurora Alves

A vaga de calor ocorrida no início do mês, com temperaturas a rondarem os 40°C em dias seguidos, provocaram escaldão em vinhas com intervenção em verde recente ou menos vigorosas, viradas principalmente ao lado poente.



Figura 111. Videira da casta "Arinto", 22.07.2026, Croca – Penafiel, zona de observação do Sousa
Foto por: Joaquim Moreira



Figura 112. Cachos de uva em fase de maturação, zona de observação do Vale do Lima
Foto por: Sandra Coelho

Devido à falta de chuva foi necessário regar mais do que o normal, obrigando viticultores que não têm sistema de rega instalado a recorrer a cisternas para rega localizada.

Por outro lado, o tempo correu de feição para o controlo das doenças na vinha, principalmente do Míldio, apresentando um bom estado sanitário.

Considera-se que os estragos provocados pelo escaldão não justificam alteração das previsões anteriores, pelo que mantemos a estimativa de um acréscimo de 5% na produtividade. A entrada em plena produção de uma área muito significativa de vinha no concelho de Monção, justifica uma previsão de acréscimo de 10% nesse concelho.

Na restante sub-região do Entre Douro e Minho as vinhas apresentam um desenvolvimento vegetativo normal para a época, com cachos bem formados e bagos em desenvolvimento.

Não se registaram dificuldades significativas no controlo das principais doenças e pragas, mas foram realizados os tratamentos fitossanitários adequados ao estado da cultura. No entanto, verificou-se escaldão em cachos mais expostos ao sol. Em algumas parcelas sem rega, observaram-se também sinais de stress hídrico.

Nota-se um adiantamento e prevê-se que os inícios das vindimas venham a realizar-se ligeiramente mais cedo do que no ano anterior entre 10 e 15 dias.

A previsão aponta para uma maior quantidade de uvas em comparação com a campanha anterior e, potencialmente, boa qualidade.

A estimativa é de um aumento da produtividade da uva de mesa (+10%), em relação ao ano passado.

8.2 *Trás-os-Montes*

O mês de julho foi bastante intenso para as vinhas transmontanas, apesar da sua enorme diversidade. O calor que se fez sentir teve duplo efeito nas plantas, mediante a sua localização – se em alguns casos foi responsável por acelerar a maturação, noutros aconteceu precisamente o mesmo, com as plantas a entrar em modo de auto preservação e a suspender os processos fisiológicos não vitais.

Na **Terra Fria** encontramos a vinha em bom estado vegetativo, devido ao esforço dos produtores, que tudo fazem para que assim se mantenha. Os principais recursos utilizados são os tratamentos fitossanitários e a desrama, e segundo aquilo que declaram, esta campanha já foi realizado maior número de intervenções químicas para controlo das doenças criptogâmicas que na campanha anterior, e com menor intervalo temporal entre aplicações.

Neste momento verifica-se que os cachos estão formados/separados e são em maior número, pelo que se prevê maior produtividade, comparativamente à campanha anterior. Registam-se ainda problemas de escaldão em algumas vinhas, o que leva os produtores a atrasar as desfolhas, fazendo-as de forma muito cuidadosa e evitando grande exposição dos cachos. Nas vinhas mais vigorosas e localizadas em cotas mais elevadas, onde ainda não foi feita a desfolha, é possível encontrar focos de oídio, como se pode ver nas fotografias 113 e 114.



Figuras 113 e 114. Aspeto de uma vinha aramada, em regime de sequeiro, sem tratamentos, com a desfolha realizada a 15.07.2026 e pormenor dos seus cachos, Valpaço – Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra



Figuras 115 e 116. Aspeto de uma vinha não aramada, em regime de sequeiro, Rio Frio – Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra

A vinha no **Planalto Mirandês** encontra-se em pleno desenvolvimento vegetativo e frutificação, atravessando uma fase delicada de maturação ainda longa, antes da vindima. Os cachos já formados cresceram até se tocarem e já se encontram fechados, mantendo a cor verde. As previsões apontam para uma produtividade semelhante à do ano passado.



Figuras 117 e 118. Mesma parcela de vinha tradicional em 16.06.2026 (esq.) e em 13.07.2026 (dir.), Prado Gatão, – Miranda do Douro

Fotos por: Miguel Martins

Nas fotos 118 e 120 são visíveis lesões em cachos, varas e folhas, aparentemente compatíveis com danos causados pela queda de granizo na região. Estima-se que a produtividade destas parcelas venha este ano a sofrer uma quebra.



Figuras 119 e 120. Parcela de vinha aramada em 16.06.2026 (esq.) e em 13.07.2026 (dir.), Prado Gatão, – Miranda do Douro

Fotos por: Miguel Martins

A vinha na sub-região do **Douro Sul** está maioritariamente na fase do Pintor e desenvolve-se a bom ritmo, apesar dos ataques localizados de Oídio (*Erysiphe necator*). O potencial de colheita para esta campanha aponta para um aumento de produção próximo dos 20% nas vinhas da Região Demarcada do Douro, por comparação com a campanha anterior, embora dependente das condições meteorológicas dos próximos meses.



Figura 121. Videira de casta tinta, em plena fase de Pintor, 21.07.2026, Provesende – Sabrosa
 Foto por: Suzana Fonseca

No Távora e Varosa, mantêm-se os valores apontados na campanha anterior, por não se terem registado alterações no potencial de produção das videiras.



Figura 122. Videira de casta branca, com boa carga de uvas e em bom estado sanitário, 21.07.2026, Armamar
 Foto por: Suzana Fonseca

As perspetivas para a campanha vitivinícola de 2026 na Terra Quente são favoráveis, estimando-se um aumento da produção de uvas para vinho, face ao ano anterior.

As condições meteorológicas registadas ao longo do ciclo vegetativo conduziram a uma antecipação da maturação em cerca de duas semanas, prevendo-se o início da vindima mais cedo que o habitual.

Apesar de se terem observado alguns problemas fitossanitários associados ao oídio e episódios localizados de escaldão, em algumas castas mais sensíveis, os impactos na produção foram limitados, de um modo geral. As vinhas apresentam um estado produtivo satisfatório, com cachos bem desenvolvidos e uvas com bom peso. A qualidade da matéria-prima mantém-se consistente, destacando-se a boa sanidade dos frutos e características adequadas para a vinificação e perspetivando-se uma campanha com resultados positivos, tanto em termos quantitativos como qualitativos.



Figura 123. Videira de casta tinta em plena maturação, com as uvas já “pintadas”

Foto por: Paulo Guedes

As ondas de calor que se têm feito sentir na região colocam as plantas em situação de stress hídrico que, associado ao risco de escaldão das uvas mais expostas, pode levar a quebras de produção com algum significado.

Por este motivo, devem os Senhores Agricultores ter particular cuidado com a forma como são realizadas as despontas e as desfolhas, especialmente nas parcelas expostas a Poente.

Para apoiar os Srs. Agricultores na decisão de intervenção, aconselhamos a consulta das [Circulares de Avisos](#) emitidas pelas diferentes Estações da região.

9 Olival

9.1 Entre Douro e Minho

Os olivais apresentam frutos vingados e em desenvolvimento. Apesar de se ter verificado uma floração intensa, o vingamento foi reduzido, pelo que se prevê uma produção inferior à da campanha anterior. Trata-se de um ano de contrassafra, o que indica que a produção vai manter-se mais baixa.



Figura 123. Oliveira com frutos vingados, Correlhã – Ponte de Lima, zona de observação do Lima
Foto por: Sandra Coelho

9.2 Trás-os-Montes

Tal como referido no Boletim do mês anterior, na **Terra Fria** observam-se menos frutos vingados, distribuídos de forma muito dispersa nos ramos das oliveiras, resultado de uma boa floração, mas um vingamento muito comprometido. As oscilações térmicas acentuadas e as subidas de temperatura durante vários dias consecutivos provocou a senescência da azeitona, com os pedúnculos a secar e o fruto a morrer e a cair sobre o solo (foto 127).



Figuras 124 e 126. Aspecto de um olival com pormenor da azeitona, Babe – Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figuras 127 e 128. Aspecto de um olival com pormenor da azeitona, Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra

No **Planalto Mirandês**, as oliveiras estão na fase de crescimento do fruto, com as azeitonas a ganhar formato e volume, cor verde e brilho e o caroço começa a endurecer. Embora em bom estado vegetativo, perspetiva-se um ano menos favorável para a produção desta cultura.



Figuras 129 e 130. Mesma parcela de olival em 12.06.2026 (esq.) e em 10.07.2026 (dir.), Castelo Branco – Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

No **Douro Sul** o cenário é idêntico, com as oliveiras a apresentarem – de forma generalizada – pouca quantidade de azeitona. Não obstante, os frutos existentes encontram-se bem desenvolvidos e em bom estado sanitário, não se registando até ao momento ataques de pragas ou doenças severas.

As azeitonas têm um calibre razoável para a época do ano, mas as condições de stress hídrico e temperaturas elevadas, sem perspetivas de precipitação no futuro próximo, podem condicionar a evolução da cultura e a sua produtividade/produção.



Figura 131. Azeitonas em olival de sequeiro, 21.07.2026, Britiande – Lamego

Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 132. Azeitonas em olival de sequeiro, 21.07.2026, Armamar

As perspetivas para a campanha olivícola na **Terra Quente** são positivas, prevendo-se um aumento da produção de azeitona, em comparação com o ano anterior.

Nesta fase observa-se um bom desenvolvimento dos frutos, que apresentam calibres superiores ao normal para a época do ano. No entanto, em algumas parcelas começam a ser visíveis de stress hídrico, com alguma azeitona a evidenciar tendência para engelhar devido à escassez de água no solo.

A continuação das elevadas temperaturas e da ausência de precipitação constitui um fator de preocupação para os produtores, sendo que a ocorrência de chuva nas próximas semanas seria muito importante para permitir que as oliveiras concluam adequadamente o enchimento dos frutos até à colheita. Caso estas condições de calor extremo persistam, existe o risco de perdas significativas de produção e de redução da qualidade final da azeitona.



Figuras 133 e 134. Azeitonas em olival de sequeiro na Terra Quente

Fotos por: Paulo Guedes

10 Prados, pastagens e culturas forrageiras

10.1 *Entre Douro e Minho*

Os prados de sequeiro e as pastagens pobres apresentam fraco desenvolvimento vegetativo, devido às altas temperaturas e falta de humidade. Os prados de regadio localizados em altitude, nas encostas mais frescas e com abundância de água, mantêm-se verdes e produtivos. Nas explorações com predomínio de área de milho, os recursos hídricos são desviados para esta cultura.



Figura 135. Pastagens temporárias de regadio, Vila Verde, zona de observação do Cávado

Foto por: Maria Laura

Há problemas no desenvolvimento do milho e do sorgo forrageiro, com muito poucas áreas a apresentar bom desenvolvimento.

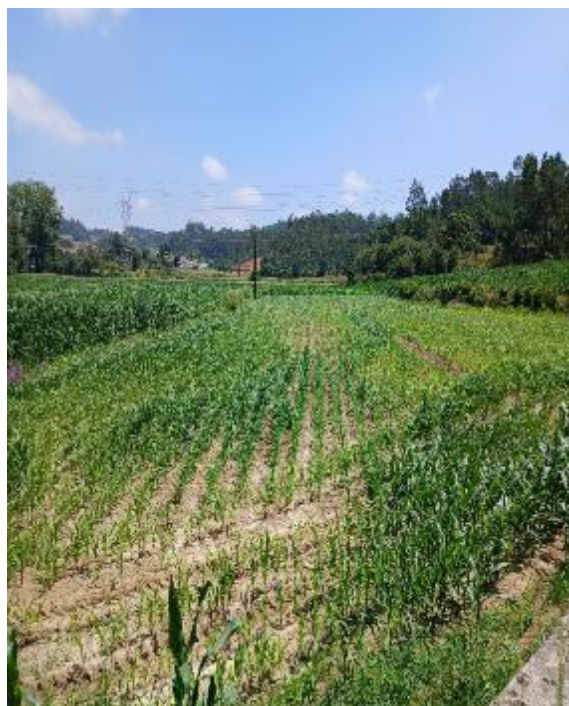
O prolongado período de chuva atrasou as sementeiras, que em seguida sofreram muito calor, secando de imediato as terras e obrigando à rega, para garantir a emergência de sementeiras, algumas delas com um mês. Nestas searas o milho está no estado de 4-5 folhas.



Figura 136. Campos de milho para silagem, 22.07.2026, Mancelos – Amarante, zona de observação de Ribadouro, zona de observação do Cávado

Foto por: Joaquim Moreira

Em resultado da falta de precipitação estão a ser feitas mais regas que noutros anos e as reservas de água estão a esgotar-se. Os custos de produção serão maiores este ano, quer pelo aumento dos preços dos fertilizantes, quer pelo aumento do número de regas associado ao aumento dos combustíveis.



Figuras 137 e 138. Campos de milho forrageiro com problemas de emergência, irregulares e muito atrasados, Oliveira de Azeméis (esq.) e Tarouca (dir.), zona de observação de Entre Douro e Vouga

Fotos por: Isabel Correia

Já desde o início da campanha, a cultura foi bastante afetada pela Lagarta Desfolhadora do milho, o que provocou a morte de muitas plantas no estado inicial de desenvolvimento. Os produtores foram obrigados a fazer tratamentos com inseticidas, aumentando os custos de produção. Esta praga vai-se reproduzindo e mantém-se nas plantas, o que pode trazer problemas ao nível da qualidade da silagem, se esta ainda se mantiver na altura da colheita. No entanto, há sementeiras que foram realizadas com as condições ideais, onde não tem faltado rega, nomeadamente com sistemas mais eficientes como a fita de rega, que apresentam excelente aspeto vegetativo.



Figura 139. Campo de milho forrageiro, com bom desenvolvimento vegetativo e boas espigas, Oliveira de Azeméis, zona de observação do Entre Douro e Vouga

Foto por: Isabel Correia

A estimativa de produtividade no milho forrageiro é de -3% e no sorgo é de -4% em relação ao ano passado. A estimativa da produção de aveia forrageira aponta para que haja uma diminuição (-5%) em relação ao verificado no ano anterior, assim como no azevém anual (-3%) e nas consociações forrageiras (-2%).

Para as pastagens temporárias, pastagens permanentes melhoradas e pastagens permanentes semeadas a estimativa é de que a produção seja idêntica à do ano passado.

Já no caso das pastagens pobres, tudo indica que haja uma redução da produção em relação ao ano anterior (-4%). Mantém-se idêntico o contributo as rações industriais na alimentação das diferentes espécies pecuárias.

10.2 Trás-os-Montes

De modo geral, e ao contrário das expectativas iniciais, este não foi um ano muito favorável à produção de culturas forrageiras. A precipitação na fase de sementeira não só atrasou parte dos trabalhos, como atrasou também o desenvolvimento das plantas, com consequências ao nível da produção de matéria verde. As temperaturas elevadas também contribuíram para a paragem de crescimento.

Na **Terra Fria** está concluído o corte dos fenos, tendo a campanha decorrido sem percalços, mas a registar uma redução de cerca de 30% na produção, comparativamente ao ano anterior.

Segundo os produtores, e pelo que foi possível observar em campo, existia menos erva mas os fenos são de razoável qualidade.

No concelho de Bragança, na segunda quinzena do mês, os produtores fizeram a recolha e acondicionamento dos fardos/rolos de todas as forrageiras. Em Vinhais a maturação destas culturas é mais tardia, pelo que durante o mesmo período, intensificaram-se as operações de corte/secagem/enfardamento e recolha. Apesar da instabilidade atmosférica a partir de dia 12, não foram relatados prejuízos em nenhum dos concelhos.



Figura 140. Pastagem permanente de sequeiro, julho de 2025, Gimonde - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 141. Pastagem permanente de sequeiro, julho de 2026, Gimonde - Bragança

MESMA PARCELA

Apesar da diminuição das produções das culturas forrageiras, os produtores referem que o grão de aveia tem qualidade, mas a quantidade de matéria seca é inferior – a aveia estava mais pequena e rendeu menos em fardo.

As pastagens permanentes de regadio e algumas pastagens permanentes de sequeiro de solos mais fundos, continuam a disponibilizar matéria verde para o pastoreio direto das diferentes espécies pecuárias, mesmo após o corte dos fenos (ver fotos 142 a 146).

As pastagens permanentes de sequeiro localizadas nas encostas estão secas e não oferecem condições para o pastoreio.

Os produtores pecuários mantem a tranquilidade no setor, que está estável, existindo muita disponibilidade de alimento quer em verde, quer alimentos grosseiros, que estão a ser armazenados para garantir a alimentação dos efetivos durante o período de inverno.

Neste momento decorrem as trocas comerciais do excedente de feno para outras explorações e os produtores declaram que não têm necessidade de recorrer a alimentos concentrados, nem se verificam constrangimentos para alimentar os efetivos pecuários.



Figura 142. Pastagem permanente de regadio, Rebordãos - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 143. Pastagem permanente de regadio, Rio de Fornos - Vinhais



Figura 144. Bovinos de raça mirandesa em pastoreio numa PP de sequeiro, Deilão - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 145. Bovinos de raça cruzada em pastoreio numa PP de sequeiro/regadio, Travanca - Vinhais

Ainda existe água disponível nos nascentes e em algumas linhas de água, sendo possível das água aos animais em campo.

Os produtores declaram ter armazenados alimentos grosseiros em quantidades suficientes para suprir as necessidades alimentares dos seus efetivos pecuários durante o próximo inverno, seja em grão, palha, feno, aveia forrageira ou nos silos. Neste momento os animais são alimentados de madrugada, sempre que os dias sejam muito quentes.



Figura 146. Caprinos em pastoreio, Martim – Bragança

Foto por: Anabela Coimbra

Os animais são assestados no período da tarde, nos montados de carvalho ou nos castanheiros, em cercas feitas no campo, uma prática de manejo usual na região, com os efetivos ovinos e caprinos, que possibilita a alimentação através do pastoreio direto, evitando os percursos com os animais nas horas de maior calor.

No que diz respeito ao milho e ao sorgo forrageiro, este ano as áreas semeadas são ligeiramente inferiores, mas as culturas apresentam bom desenvolvimento vegetativo.

No **Planalto Mirandês**, as forrageiras como o milho e o sorgo apresentam uma cor verde, o que indica ainda estarem “longe” de uma situação de stress hídrico – o milho é uma cultura mais sensível a situações de seca do que o sorgo.



Figuras 147 e 148. Parcela de sorgo em Vale de Águia (esq.), 08.07.2026 e parcela de milho em Vale da Madre (dir.), 13.07.2026, Miranda do Douro e Mogadouro, respetivamente

Fotos por: Miguel Martins

Para isso contribui o sistema radicular de ambas as culturas, que se desenvolve a profundidades superiores a outras forrageiras e permite maior resistência a períodos de seca.

As restantes forrageiras, presentes nos prados e nas pastagens de sequeiro, encontram-se bastante secas, devido à escassez de água na superfície do solo e às recentes ondas de calor, apresentando o aspeto amarelado típico do pico do verão. Em contrapartida, as pastagens permanentes de regadio mantêm-se verdes, embora com crescimento condicionado pelas altas temperaturas.

Os trabalhos de corte que, de um modo quase global decorrem sem contratempos, estão focados na conclusão da ceifa das pastagens permanentes de regadio e no armazenamento das forragens, cuja produtividade deverá superar a de 2025, garantindo assim o alimento dos efetivos pecuários durante os próximos meses, tanto quanto possível, sem recurso a farinhas ou rações animais.

Os tradicionais lameiros mantêm pouca a muito pouca frescura e a produção/regeneração de matéria verde é baixa, graças à evapotranspiração provocada pelo calor de julho.



Figura 149. Parcela de aveia forrageira que, após o corte, permite o pastoreio de bovinos da raça Mirandesa, 13.07.2026, Prado Gatão – Miranda do Douro

Foto por: Miguel Martins

Forrageiras tais como a aveia e o azevém já completaram o seu ciclo vegetativo e a produção de matéria verde foi, no geral, boa, graças às chuvas ocorridas até março/abril. O azevém que surge espontaneamente nos restolhos serve, em alguns casos, para segundo corte ou para pastoreio direto no terreno (ver fotos 150 e 151).



Figuras 150 e 151. Parcela com mistura de forrageiras, que mesmo após o corte continua “rica” em azevém, 13.07.2026, Prado Gatão – Miranda do Douro

Fotos por: Miguel Martins



Figura 152. Pastagem permanente de regadio, onde pastam bovinos da raça Mirandesa, 13.07.2026, Penas Roias – Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Figura 153. Pastagem permanente de sequeiro, 13.07.2026, Penas Roias – Mogadouro



Figuras 154 e 155. Parcela de lameiro onde o encharcamento em período de chuvas é habitual, 16.06.2026 (esq.) e 13.07.2026 (dir.), Brunhosinho – Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Figura 156. Parcela com rolos de aveia forrageira, onde são visíveis as estruturas de vedação para proteção dos ninhos de Tartaranhão- caçador, Ifanes – Miranda do Douro

Foto por: Miguel Martins

11 Tabelas com previsões das áreas semeadas, das produtividades e estimativas da produção

Tabela 1. Evolução da produtividade dos cereais praganosos para grão, comparativamente ao ano anterior

Localização	Aveia		Centeio		Cevada		Trigo		Triticale	
	%	†	%	†	%	†	%	†	%	†
Entre Douro e Minho	95	749	99	700			94	647		
Ave	97	20	100	20	0	0	0	0	0	0
Basto	74	6	100	21	0	0	100	3	0	0
Cávado	99	16	100	20	0	0	0	0	0	0
Entre Douro e Vouga	87	20	95	1	0	0	0	0	0	0
Grande Porto	86	8	95	0	0	0	0	0	0	0
Ribadouro	100	4	100	24	0	0	100	4	0	0
Vale do Lima	100	3	100	14	0	0	0	0	0	0
Vale do Minho	54	7	100	5	0	0	0	0	0	0
Vale do Sousa	100	8	100	7	0	0	0	0	0	0
Trás-os-Montes	101	1 917	96	7 652	100	128	103	2 291	104	525
A. Tâmega e Alvão P.	103	55	99	2 367	102	6	98	97	100	11
Barroso	100	14	100	867	0	0	100	5	0	0
Beira Douro e Távora	100	11	94	154	0	0	0	0	0	0
Corgo e Marão	100	3	91	19	0	0	0	0	0	0
Douro Superior	116	43	104	188	131	9	98	41	185	2
Planalto Mirandês	98	972	98	975	106	55	106	1 406	105	305
Terra Fria	90	422	88	2 361	90	35	103	538	100	158
Terra Quente	121	396	105	720	94	24	85	204	108	49
Região Norte	100	2 009	96	7 764	100	128	103	2 299	104	525

Tabela 2. Evolução da produtividade da batata de regadio e da produção da batata de sequeiro, comparativamente ao ano anterior

Localização	Batata-Regadio		Batata-Sequeiro	
	%	Kg/ha	%	†
Entre Douro e Minho	106	17 927	95	4 005
Ave	113	17 331	104	261
Basto	97	16 697	113	35
Cávado	105	17 435	96	981
Entre Douro e Vouga	100	14 622	96	257
Grande Porto	100	15 842	86	730
Ribadouro	110	17 686	105	60
Vale do Lima	102	19 670	95	1 205
Vale do Minho	102	20 466	100	334
Vale do Sousa	110	21 909	105	143
Trás-os-Montes	103	23 141	102	6 959
A. Tâmega e Alvão P.	100	24 429	100	929
Barroso	100	25 000	100	1 092
Beira Douro e Távora	105	25 680	103	447
Corgo e Marão	104	25 946	102	655
Douro Superior	103	20 648	100	793
Planalto Mirandês	100	20 723	100	1 079
Terra Fria	108	24 832	110	1 371
Terra Quente	100	19 198	100	593
Região Norte	104	21 114	100	10 965

Tabela 3. Evolução da área semeada com milho grão de regadio e produtividade de milho grão de sequeiro, comparativamente ao ano anterior

Localização	Área Milho-Regadio Grão		Produtividade Milho-Sequeiro Grão	
	%	ha	%	Kg/ha
Entre Douro e Minho	95	11 729	98	2 303
Ave	97	2 100	98	1 831
Basto	95	726	79	1 603
Cávado	94	3 222	100	3 379
Entre Douro e Vouga	96	675	90	2 945
Grande Porto	96	567	90	3 715
Ribadouro	90	1 055	95	1 440
Vale do Lima	99	1 435	100	1 546
Vale do Minho	92	540	100	1 785
Vale do Sousa	95	1 409	95	1 619
Trás-os-Montes	103	1 176	95	1 009
A. Tâmega e Alvão P.	100	169	82	710
Barroso	100	365	100	1 093
Beira Douro e Távora	137	89	100	1 500
Corgo e Marão	109	83	100	1 028
Douro Superior	93	62	105	1 173
Planalto Mirandês	98	173	95	1 169
Terra Fria	116	64	95	921
Terra Quente	100	170	106	843
Região Norte	96	12 905	97	1 610

Tabela 4. Evolução da produtividade de feijão e do grão-de-bico, comparativamente ao ano anterior

Localização	Feijão		Grão-de-Bico	
	%	Kg/ha	%	Kg/ha
Entre Douro e Minho	98	596	0	0
Ave	100	693	0	0
Basto	91	482	0	0
Cávado	100	566	0	0
Entre Douro e Vouga	90	758	0	0
Grande Porto	90	888	0	0
Ribadouro	100	433	0	0
Vale do Lima	100	431	0	0
Vale do Minho	100	583	0	0
Vale do Sousa	100	868	0	0
Trás-os-Montes	100	669	103	699
A. Tâmega e Alvão P.	100	569	102	643
Barroso	100	885	0	0
Beira Douro e Távora	100	944	102	977
Corgo e Marão	100	937	100	750
Douro Superior	100	661	99	741
Planalto Mirandês	100	867	100	780
Terra Fria	110	749	110	726
Terra Quente	100	603	106	546
Região Norte	100	659	103	699

Tabela 5. Evolução da produtividade da maçã, pera e pêssago e produção de cereja, comparativamente ao ano anterior

Localização	Produtividade				Produção			
	Maçã		Pera		Pêssego		Cereja	
	%	Kg/ha	%	Kg/ha	%	Kg/ha	%	ton.
Entre Douro e Minho	103	6 330	107	4 411	122	3 316	260	5 770
Ave	105	6 378	104	4 116	104	2 071	131	3
Basto	93	5 660	87	4 696	255	1 713	265	10
Cávado	100	9 319	100	4 386	101	3 069	100	2
Entre Douro e Vouga	100	7 930	100	8 336	100	7 179	1 038	1
Grande Porto	100	6 720	100	6 912	100	6 895	0	0
Ribadouro	120	4 563	129	3 770	445	2 875	261	5 733
Vale do Lima	100	4 569	100	3 457	100	3 929	100	2
Vale do Minho	100	4 113	100	3 479	100	3 001	100	1
Vale do Sousa	106	5 723	152	3 635	527	2 290	226	17
Trás-os-Montes	101	30 185	108	13 380	167	12 889	170	7 113
A. Tâmega e Alvão P.	100	19 787	100	15 794	123	7 229	222	563
Barroso	100	6 316	100	6 750	100	4 000	100	2
Beira Douro e Távora	101	33 335	100	15 104	100	8 943	116	2 860
Corgo e Marão	100	33 287	100	11 944	100	7 399	110	92
Douro Superior	100	24 548	150	16 503	195	22 576	193	1 006
Planalto Mirandês	101	11 908	100	6 409	100	6 312	105	91
Terra Fria	100	11 489	100	4 593	100	1 727	85	197
Terra Quente	100	17 317	105	9 852	195	13 645	421	2 301
Região Norte	101	28 435	108	10 593	162	10 353	201	12 882

Tabela 6. Evolução da produtividade uva de mesa e produção de mirtilo, comparativamente ao ano anterior

Localização	Produtividade Uva de Mesa		Produção Mirtilo	
	%	Kg/ha	%	ton.
Entre Douro e Minho	110	4 008	106	4 553
Ave	0	0	104	353
Basto	110	1 980	164	150
Cávado	0	0	100	448
Entre Douro e Vouga	0	0	91	445
Grande Porto	0	0	100	293
Ribadouro	110	4 412	110	2 234
Vale do Lima	0	0	100	179
Vale do Minho	0	0	100	113
Vale do Sousa	110	2 970	110	338
Trás-os-Montes	100	2 252	101	946
A. Tâmega e Alvão P.	100	1 991	100	166
Barroso	0	0	100	4
Beira Douro e Távora	100	3 489	102	246
Corgo e Marão	100	1 964	100	55
Douro Superior	100	1 686	100	88
Planalto Mirandês	100	2 395	103	72
Terra Fria	105	2 165	105	89
Terra Quente	100	2 126	100	226
Região Norte	102	2 516	105	5 499

Tabela 7. Evolução da produtividade da amêndoa, comparativamente ao ano anterior

Localização	%	Kg/ha
Entre Douro e Minho	100	516
Entre Douro e Vouga*	0	0
Ribadouro	100	865
Vale do Sousa	100	866
Trás-os-Montes	129	625
A. Tâmega e Alvão P.	161	667
Barroso	100	139
Beira Douro e Távora	100	368
Corgo e Marão	100	666
Douro Superior	110	546
Planalto Mirandês	105	663
Terra Fria	106	910
Terra Quente	206	676
Região Norte	129	625

*Existem 8,2 ha de amendoal em Arouca ainda não produtivos.

Tabela 8. Evolução da produtividade da uva para vinho, comparativamente ao ano anterior

Localização	%	l/ha
Entre Douro e Minho	107	7 310
Ave	107	19 155
Basto	107	8 007
Cávado	102	5 017
Entre Douro e Vouga	105	2 868
Grande Porto	105	5 066
Ribadouro	110	3 215
Vale do Lima	102	6 083
Vale do Minho	107	6 848
Vale do Sousa	110	5 635
Trás-os-Montes	113	2 132
A. Tâmega e Alvão P.	113	2 399
Barroso	100	1 433
Beira Douro e Távora	102	2 936
Corgo e Marão	117	2 081
Douro Superior	117	1 844
Planalto Mirandês	99	1 387
Terra Fria	108	1 226
Terra Quente	115	4 034
Região Norte	109	3 737